



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PEDAGOGIA

DENISE CASSIANO DOS SANTOS

REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA GERADA PELO TRÁFICO DE
DROGAS EM UMA ESCOLA NO BAIRRO ENGENHO VELHO DA
FEDERAÇÃO

Salvador
2011

DENISE CASSIANO DOS SANTOS

**REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA GERADA PELO TRÁFICO DE
DROGAS EM UMA ESCOLA NO BAIRRO ENGENHO VELHO DA
FEDERAÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Cleverton Suzart Silva

Salvador
2011

A

Meus pais, por ter me ensinado a ser o que sou hoje.

Brenno, filho querido, por me levar a amar ainda mais o ato de educar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela força e sabedoria para continuar minha caminhada;

Aos meus pais Lucinês Cassiano e José dos Santos por ter abdicado de seus objetivos para educar seus filhos com amor, carinho e dedicação;

Em especial aos meus irmãos: Deivid, Adriano, Silvério e Carlos pelos exemplos de perseverança, dignidade e motivação que me impulsionou a dar continuidade aos meus estudos e não desistir dos meus sonhos.

Ao meu companheiro, Alex que no dia-a-dia suportou e suporta a minha agitação e mudanças de humor, além de ser carinhoso, cuidadoso e prestativo, ajudando e melhorando a minha auto-estima;

Ao Projeto Conexões de Saberes- UFBA, em especial Letícia e Nide, que me ensinou a reconhecer e me firma enquanto mulher, negra, de comunidade popular;

A direção, estudantes e Professores da escola em que realizei a pesquisa, em especial a Elismare, Zete e Rita que me proporcionaram momentos maravilhosos e acreditaram em meu potencial.

À Daniela, Carine, amigas do Ensino Médio, e Elane e Paula, pessoas que se preocupam comigo e são exemplo de sabedoria.

Aos amigos da FACED, especialmente, Adilane, Marta e Thula, por me proporcionar momentos de descontração, risos e lágrimas, por me mostrar através das suas vivências o quanto somos firmes, fortes e capazes de sermos e termos o que almejamos.

A Denis (in memorian) por me fazer perceber o valor das simples e pequenas coisas que a vida nos proporciona.

Ao Professor Cleverson, amigo e orientador que se disponibilizou a me ajudar e nortear minha pesquisa, com paciência, calma e dedicação.

A todos os companheiros de trabalho, seminários, discussões e disciplinas que estiveram comigo durante esses quatro anos e meio.

A paz, numa visão realista, surge somente quando se funda uma nova aliança de convivência pacífica entre todos os povos, considerados como representantes da única família humana. A paz floresce quando se refaz um acordo de fraternidade com a Terra e todos os ecossistemas, que são os elos da única corrente de vida da qual nós fazemos parte. A paz só pode se estabelecer quando o cuidado de uns para com os outros substitui a suspeita, o preconceito e o medo, que, segundo Freud, é a origem secreta de toda violência. A paz emerge quando religamos nosso ser e o inteiro Universo à Fonte originária de todas as coisas, Deus, como fez São Francisco em sua famosa oração pela paz. A cultura da paz começa quando se cultiva o cuidado com todos os seres e têm-se vivo na memória o exemplo de figuras que representam a generosidade que nos habita, como Gandhi, dom Helder Câmara, Betinho, Luther King e outros. Cada um estabelece como projeto pessoal e coletivo a paz, que resulta dos valores da cooperação, do cuidado, da compaixão e da amorosidade, vividos cotidianamente. A paz não é apenas meta, mas deve ser também método, e somente métodos pacíficos dão origem à paz. Por isso, o lema não é “se queres a paz, prepara a guerra”, mas “se queres a paz, prepare a paz”. Isso é urgente para conferirmos um rumo mais benfazejo à História. Toda protelação é insensata (BOFF, 1994, p.94).

RESUMO

Embora a violência sempre tenha existido na história da humanidade, em seu contexto atual sua abordagem vem sendo associada ao tráfico de drogas. Esta pesquisa trata-se de um estudo de caso e analisou como ocorre a representação da violência gerada pelo tráfico de drogas em uma escola no Bairro do Engenho Velho da Federação. A pesquisa de natureza qualitativa e quantitativa utilizou-se dos procedimentos de levantamento bibliográfico e pesquisa empírica buscando a partir destes procedimentos fazer uma análise sobre a relação existente entre a violência externa e a escola, a escola e o bairro onde está situada, e como ocorrem as representações da violência do tráfico dentro da escola. Para tanto, foram selecionados como sujeitos da pesquisa alguns estudantes do Ensino Fundamental, professores e a direção da escola, que responderam a questionários e entrevistas. Tais questionários e entrevistas contribuíram para uma análise mais detalhada sobre a problemática estudada. A partir daí, a pesquisa revelou em seus resultados o quanto o reflexo da violência do tráfico de drogas invadiu a escola, interferindo no comportamento e aprendizado dos educandos, prejudicando a vida pessoal e profissional dos docentes e da direção escolar, além de prejudicar psicologicamente a comunidade escolar como um todo.

Palavras-chave: Tráfico de drogas. Escola. Violência.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. CONCEITO DE VIOLÊNCIA.....	10
2.1 Violência Simbólica.....	15
3. A ESCOLA E SEU ENTORNO	20
3.1 O Tráfico de Drogas e a Comunidade escolar.....	26
3.2 Um Olhar sobre a Violência Gerada pelo Tráfico de Drogas.....	32
4. REFLEXOS DA AÇÃO VIOLENTA DO TRÁFICO DE DROGAS.....	39
4.1 Medo, Angústia e Impotência: Vivendo em Fogo Cruzado.....	41
4.2 Violência e Aprendizado: Uma Combinação Nada Perfeita.....	48
4.3 Comportamento: Representando o que é Vivido Fora da Escola.....	52
5. A ESCOLA EM AÇÃO: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PELA REDUÇÃO DOS REFLEXOS DA VIOLÊNCIA DO TRÁFICO.....	57
5.1 Localização e Descrição da Escola.....	64
5.2 Metodologia da Pesquisa.....	66
5.3 Dados da Pesquisa.....	67
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS.....	79

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea convive com inúmeras questões emblemáticas, entre elas encontra-se a violência associada ao tráfico de drogas. A violência gerada pelo do tráfico de drogas tem sido um dos grandes problemas que vem afetando a população que vive nas áreas urbanas, suas conseqüências são inúmeras e seu reflexo tem ultrapassado os muros das escolas que se encontram situadas nestes espaços.

De acordo com Guimarães (1998), a interferência da violência no ambiente da escola, como a mesma se organiza e as relações estabelecidas entre a comunidade escolar não precisa necessariamente ser específicas da dinâmica escolar, mas afetam o seu cotidiano.

O estudo sistemático entre a relação da violência com a escola ainda se constitui como um amplo desafio aos pesquisadores. No Brasil, há uma escassez de trabalhos que abordem cidades e situações sócio-culturais diferentes, o que torna bastante oportuna a publicação de pesquisas que tratem do tema. (SPOSITO, 2001). Os principais estudos na educação mostram dados de pesquisas que investigam a violência que ocorre dentro das escolas, apresentando suas causas e conseqüências. Há uma lacuna de estudos voltados para a violência extramuros da escola, ou seja, a violência que ocorre fora da escola, mas especificamente para a violência gerada pelo tráfico de drogas.

O interesse por esse tema – educação e violência - passou a existir durante o trabalho como estagiária em uma escola situada no Bairro Engenho Velho da Federação. Bairro que sofre constantemente com a violência gerada pelo tráfico de drogas, onde percebi o quanto a violência externa fazia parte do cotidiano dos estudantes da instituição. O estágio permitiu conhecer mais de perto o bairro e vivenciar aspectos da violência.

A necessidade de estudos que abordem esta temática, também me impulsionou na escolha do presente estudo, visto que o tráfico de drogas tem se constituído como um dos grandes problemas, que integram o cenário urbano, social, baiano, dizimando inúmeras crianças e jovens, estando vinculado ao

crescimento vertiginoso da violência que reflete nas instituições educacionais situadas nas áreas urbanas onde o tráfico de drogas tende atuar.

A presente pesquisa busca evidenciar questões referentes à representação da violência e tem como objetivo geral analisar como ocorre a representação da violência gerada pelo tráfico de drogas em uma escola no bairro do Engenho Velho da Federação. Busca verificar como esta violência representa-se para a comunidade escolar, conferindo se a mesma intervém materialmente na vida dos sujeitos que compõem esta comunidade, averiguando se esta violência interfere psicologicamente e impacta o aprendizado e comportamento dos discentes desta instituição, identificando e analisando a partir desta abordagem como a instituição atua na proposta pedagógica para a redução dos reflexos da violência gerada pelo tráfico de drogas.

A pesquisa está estruturada, além da introdução, em cinco capítulos: no primeiro capítulo apresentamos o conceito global de violência, seguido do conceito de violência simbólica; o segundo traz a relação da escola com o seu entorno, abordando em seu elenco a analogia entre o tráfico de drogas e a comunidade escolar e o olhar desta comunidade diante dessa problemática; nos terceiro e quarto capítulos apresentamos como os reflexos da violência do tráfico são apresentados na escola e como a escola atua com uma proposta pedagógica na redução dos reflexos da violência e no quinto e último capítulo apresentamos as considerações finais deste trabalho.

CONCEITO DE VIOLÊNCIA

A temática da violência tem tomado uma repercussão mundial. Para a sua melhor compreensão e reflexão neste momento se faz necessário algumas abordagens conceituais.

O fenômeno da violência vem adquirindo cada vez mais visibilidade social, esta é apresentada em suas inúmeras denominações, assume uma pluralidade de formas, e é entendida como conceito multifacetado, complexo e sua incidência cresce, havendo assim a necessidade de sua delimitação.

Segundo Arendt (1990, apud MINAYO, 1999, p. 5) “a violência possui um caráter instrumental, ou seja, é um meio que necessita de orientação e justificação dos fins que persegue. Reconhece a violência como um conceito multifacetado por suas características tanto externas quanto internas, que acabam por quantificá-las e qualificá-las”. A violência se expressa concretamente no fato de que os indivíduos, grupos, classes e instituições empregam diferentes formas, métodos e meios de coerção e aniquilamento direto e indireto contra outros indivíduos, grupos, classes e instituições a fim de conquistar ou reter poder, conquistar ou preservar independência, obter direitos ou privilégios.

Etimologicamente ¹ “Violência é um comportamento que causa dano a outra pessoa, ser vivo ou objecto. Invade a autonomia, integridade física ou psicológica e mesmo a vida de outro. É o uso excessivo de força, além do necessário ou esperado. O termo deriva do latim violentia (que por sua vez é amplo, é qualquer comportamento ou conjunto de deriva de vis, força, vigor); aplicação de força, vigor, contra qualquer coisa ou ente.”

Embora exista a explicação etimológica, a abordagem de outras formas de compreensão do termo por diversos autores levando em consideração o contexto em que a violência é praticada, permite o entendimento da violência para além da força física.

Segundo Silvia e Salles (2008) a violência não pode ser reduzida somente ao plano físico, mas abarca também o psíquico, o moral e o sócio-cultural. Neste

¹ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Viol%C3%Aancia>

aspecto as autoras ressaltam para a importância de considerar diante das análises sobre violência as consequências psicológicas para as vítimas, visto que quando as ameaças não se dirigem diretamente a própria pessoa, afetam a alguém ou a algo relacionado a ela e tem como consequência a ameaça à propriedade, à auto-estima e até mesmo o prestígio social.

Sob o olhar de Abramovay (2007), pesquisadora da violência escolar, a redução da violência somente ao plano físico desconsidera tudo o que foi conquistado ao longo do processo civilizatório no que se refere as conquistas dos direitos humanos, de reconhecimento da humanidade em suas diversas identidades e o respeito que se tem para com elas. Nesse sentido seria negar ou ignorar os direitos alcançados em torno da relação de gênero, classe, raça entre tantos outros que se constituiu como violência.

Por outro lado autores como Adorno (1999) e Sposito (1981), afirmam que a violência é um fenômeno social e que sua ação rompe com o nexos social, pois envolve a perda da autonomia a medida que as pessoas são privadas de exercer a sua vontade, submetendo-se a outro. Estabelece no âmbito onde a violência predomina relações de dominação e poder estabelecidos pelo uso da força seja ela física ou psicológica.

De acordo com Moraes (1981, p.79) em seu livro *O que é Violência Urbana* “a violência é definida como uma prática típica do ser humano e que ao longo de toda a história tem deixado sua marca nas relações humanas”. Ele afirma que a violência se originou das necessidades e interesses antagônicos gerados em climas de disputa e de medição de forças.

Trazendo uma reflexão mais profunda sobre a violência, o autor afirma: “[...] a violência é o pão nosso de cada dia [...]” (MORAIS, 1981, p.11-12).

Nessa perspectiva Moraes permite refletir sobre a indignação com a realidade urbana, em que a violência, os conflitos entre os traficantes, as balas perdidas, as trocas de tiros entre policiais e ladrões impedem os cidadãos de viver em um ambiente de paz e harmonia.

A violência sempre existiu em todas as sociedades apresentando-se como forma de resolver os conflitos entre pessoas, na comunidade, na escola, na família e até mesmo na relação entre países. Atualmente convive-se tradicionalmente com

a violência, na qual esta mantém uma íntima ligação com os territórios da cidade, sendo detectado segundo Ferreira et al (2008, p.3) como “territórios da violência”, que são áreas periferizadas e conseqüentemente desvalorizadas onde a população é desprovida de segurança e infra-estruturas urbanas e onde a violência urbana apresentam dados exorbitantes.

A cada dia os meios de comunicação divulgam os altos índices de violência urbana que ocorrem nos aglomerados urbanos. Este problema que afeta a ordem pública e toda a sociedade, está associada a inúmeros fatores como a ilegalidade, a marginalidade e a criminalidade organizada que gera em torno do tráfico de drogas.

De acordo com Ferreira et al (2008) o crime organizado se instala nos locais que se constituem abrigo da população excluída socialmente e espacialmente periferizada, visto que estes locais apresentam estrutura e localização privilegiada desprovida de segurança pública e instituições de controle, além de persistir a ilegalidade e a informalidade. São territórios da violência marcado pelo poder da articulação da ação criminoso.

Diante desta colocação de Ferreira é importante ressaltar que os discursos e os olhares estabelecidos sobre as comunidades populares seguem um vício, um padrão de estigmas e estereótipos como construções simbólicas enviesadas. É como se olhasse para uma área periférica e este espaço fosse definido por suas ausências, além de estabelecer de forma generalista a visão sobre os sujeitos que nelas residem.

A estereotipia dos espaços populares se faz presente não só na forma conservadora, mas também em uma forma pretensamente progressista. (...) os moradores aparecem como criminosos em potencial e/ou como colaboradores de forças criminosas. (...) Os espaços populares são definidos por suas ausências, devido ao fato de não serem reconhecidos como espaços legítimos. Assim, o tipo de representação hegemônica afirmada em relação aos espaços populares ignora a historicidade e espacialidade do fenômeno que busca apreender. Instala-se, portanto, uma contradição no processo de apreensão dos espaços populares, expressa em uma crise de representação no que diz respeito à correspondência entre o objeto

² GOFFMAN, E. *Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. trad. Mathias Lambert, Edição digitalizada do original de 1891.p.6.

representado e a imagem hegemônica que dele se tem. A percepção que se tem do objeto não traduz os elementos materiais que o significam. (...) de forma particular a representação conceitual foi sendo, portanto, de forma progressiva, substituída por uma representação estereotipada. Nesta, os pré-conceitos e juízos generalizantes, desprovidos da relação direta com o núcleo do fenômeno, caracterizam o processo de apreensão do objeto (SOUZA e SILVA, 2007, p.8-20).

Neste contexto “a criminalidade organizada, em particular em torno do tráfico internacional de drogas, encontra-se enquanto tendência emergente no cenário da violência urbana”. A população pobre são vítimas potenciais da violência, visto que habitam predominantemente áreas de múltiplas carências sociais nas quais são elevados os conflitos que resultam com muita frequência em desfechos fatais, compreendem majoritariamente pessoas pertencentes aos grupos desprovidos de proteção e de direitos humanos, sobretudo dos direitos econômico-sociais, “são objetos de múltiplas formas de discriminação o que os torna alvo preferencial das agências de contenção dos crimes e da violência” (ADORNO, 2002 apud FREIRE 2009, p.3).

A violência gerada pelo tráfico de drogas que se instala nas áreas urbanas tem transformado as comunidades e seus territórios em áreas de risco. A população vive violentada, pois não podem usufruir de direitos fundamentais básicos como o lazer e a liberdade de ir e vir.

Segundo afirmação de Oliveira et al (2000, apud SOARES, 2004, p.2), “boa parte dos habitantes dos bairros empobrecidos das grandes cidades vivem violentados constantemente por estar em condição de miséria e por não usufruir de direitos humanos básicos como alimentação, saúde, educação e lazer”. Os constantes conflitos entre diversas guangues de usuários e traficantes de drogas, mantém o controle sobre determinadas áreas, delimitando assim espaços e momentos onde as pessoas da comunidade residente e adjascência pode trafegar. Consequentemente nas escolas que residem em áreas consideradas violentas, onde o controle do tráfico é frequente a comunidade escolar vive em constante clima de tensão, convivem com o medo, a angustia e a impotência por não poder fazer nada, reforçam o sentimento de insegurança e repudiam toda e qualquer ação da criminalidade.

Neste aspecto “a violência está relacionada com o poder, na qual a imposição de uma vontade, um desejo ou projeto de uma pessoa sobre a outra é mantida” segundo Velho (1996 apud VIEIRA, 2007, p.3), neste caso o poder é exercido pela força da criminalidade atuante na comunidade onde prevalece os ditames dos traficantes. “Todo o exercício que de alguma forma cerceia as vontades do indivíduo, torna-se violência” (BOURDIEU e ARENDT, 2005 apud VIEIRA, 2007, p.3).

A ausência de mecanismos de regulação que atuem nos centros urbanos contribuem para o aumento das taxas de criminalidade. Segundo Freire (2009) o aumento da criminalidade tem impulsionado para os crescentes esforços voltados para que haja o desenvolvimento e a implantação de políticas públicas voltadas para a prevenção e o controle da violência urbana, mas especificamente a gerada pelo tráfico de drogas. Grande parte das políticas públicas tem seu foco nas comunidades fortemente atingidas pelos altos índices de violência, buscando reforçar a relação entre Estado e sociedade e estimulando a participação social na luta contra a criminalidade.

A complexidade dos problemas oriundos das transformações sociais, o cenário de crise, as incertezas e as mudanças em ritmo acelerado vêm exigindo novas formas de relação entre o Estado e a sociedade, destacando-se as alternativas de intervenções articuladas, consideradas capazes de potencializar as ações, visando produzir um maior impacto sobre os problemas das sociedades contemporâneas (COSTA e KALIL, 2001, p.92).

No contexto social, urbano pouco tem sido feito, a sociedade ainda não se encontra imune diante desta problemática, sobretudo porque os aglomerados urbanos ainda se localiza no circuito das modalidades de crime organizado e principalmente nas rotas do tráfico de drogas.

A violência está presente, nos mais diversos espaços e em suas mais diversas formas, seja ela institucional, física ou simbólica. Dentro da sua complexidade para a compreensão do seu conceito, que vai além do entendimento da agressão física, há necessidade de desenvolver o conceito de violência simbólica.

2.1. Violência Simbólica

O termo violência se tornou algo comum no cotidiano da sociedade. O pensar e o falar sobre violência, em primeiro momento, nos remete a agressão física, como se a violência se restringisse única e diretamente a ação violenta exercida contra o corpo humano.

Segundo Schilling (2000, apud CHAUI 1999, p.2) “a violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação”.

Nesta ampla e moderna definição a autora traz a concepção de violência, indo além da força física, trazendo a abordagem da violência psíquica contra alguém, violência esta que são oriundas de ações que comportam a humilhação, discriminação, vergonha e opressão e que se enquadram como violência simbólica.

Neste contexto entendemos por simbólico, algo de difícil percepção, ações que estão presente no dia a dia das pessoas, que são incorporadas e reproduzidas em suas ações, mas que na maioria das vezes a sua existência passa despercebida. Em seu livro *O Poder Simbólico*, (1989, p.7), Bourdieu define símbolos como “instrumentos por excelência da integração social, pois possibilita o consenso sobre o sentido do mundo social”, contribuindo para a reprodução da ordem social e, portanto da dominação.

Enquanto instrumento estruturado e estruturante de comunicação e conhecimento, os símbolos constituídos em sistemas simbólicos são fundamentais para o exercício da dominação “[...] instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra [...] dando o reforço da sua própria força que as fundamenta contribuindo assim [...] para a domesticação dos dominados” (BOURDIEU, 1989, p.11).

Nesta mesma obra Bourdieu (1989, p.7- 8) define o poder simbólico como um “poder invisível, no qual o seu exercício se dá a partir da cumplicidade dos que não querem saber que estão sendo submetidos ou mesmo que o exercem”. Nesse sentido afirma o poder simbólico como,

[...] poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer ignorado como arbitrário (BOURDIEU, 1989, p.14).

O termo violência simbólica foi criado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu em 1970, para descrever a luta existente entre dominante e dominado, onde segundo ele, as classes que dominam economicamente impõem sua cultura a uma classe inferior- os dominados.

Violência suave que ocorre onde se apresentam encobertas as relações de poder que regem os agentes e a ordem da sociedade. Nesse sentido, o reconhecimento da legitimidade dos valores produzidos e administrados pela classe dominante implica desconhecimento social do espaço, onde se trava simbolicamente a luta de classes (NEURA, 2008 apud BOURDIEU, 1994, p.25).

Segundo Bourdieu (1989) as lutas estabelecidas entre as diferentes classes- dominantes contra dominados- se estabelecem nos conflitos simbólicos da vida cotidiana que são produzidas a tempo inteiro por especialistas da produção simbólica, ‘ mandatários’ do “Estado, detentor do monopólio da violência simbólica legítima” (Zaluar e Leal, 2001, p. 148-149), que está em jogo o poder de impor- e mesmo inculcar instrumentos de conhecimento e de expressão arbitrários, embora sejam ignorados como tais da realidade social, não podem afirmar que os mesmos não existem.

Este poder que é exercido pelas classes dominantes, é uma forma irreconhecível e legitimada das outras formas de poder e a violência que elas envolvem objetivamente são transformadas em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais sem que seja necessário gasto aparente de energia. Neste caso a

violência física se contrapõe a violência simbólica, visto que apesar de também apresentar efeitos reais exige necessariamente um dispêndio de energia.

Nesta conjuntura o poder exercido pelos traficantes e usuários de drogas em uma comunidade popular apresenta-se como um caso particular de poder simbólico em que agentes estão envolvidos tanto individualmente como coletivamente colocando em jogo a conservação ou transformação das relações de forças simbólicas, que estão ligadas as manifestações simbólicas constituindo-se como objetivas ou intencionais, da identidade social.

Nestas lutas pelo critério de avaliação legítima, os agentes em suas lutas por classificação enquanto dominante empenham interesses poderosos, vitais por vezes, na medida em que é o valor da pessoa enquanto reduzida socialmente à sua identidade social que está em jogo (BOURDIEU, 1989, p.124).

De acordo com Zaluar e Leal (2001, p.148) “o conceito de violência simbólica, abordado por Pierre Bourdieu traz uma conceituação mais ampla e difusa de dominação”. Segundo as autoras a violência simbólica, apresenta-se como uma violência que negam, oprime ou destrói psicologicamente o outro pelo poder das palavras, pois através dela se estabeleceria o exercício do poder simbólico, sem que a questão dos limites e excessos no uso da linguagem estejam postos. A violência simbólica seria entendida como:

[...] poder de construção da realidade, que tende a estabelecer [...] o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social), supõe aquilo que Durkheim chama de conformismo lógico, quer dizer, uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências (BOURDIEU, 1989, p.9).

A linguagem pode ser entendida como uma forma de comunicação através da palavra, mas pode ser constituída também como a própria comunicação que é estabelecida na sociedade, ou seja, a linguagem reflete a própria sociedade. A linguagem é um signo ideológico que neste imenso universo é utilizada na lutas

ideológicas e de poder entre os agentes sociais, através da violência simbólica. Neste aspecto Bourdieu (2008, p. 151) afirma,

a violência simbólica contida em todo o discurso ideológico, enquanto desconhecimento que requer o re-desconhecimento acaba se exercendo quando consegue fazer com que seus destinatários tratem tal discurso como ele quer ser tratado, vale dizer com todo o respeito que merece enquanto forma por suas formas.

No entendimento de Abramovay, o termo violência é marcado pelo caráter não visível e que recobre formas variadas de relações de poder e assim definido como:

Tipo de violência que fere, mas não mata. Que se dá pela exclusão social, sendo as conseqüências tão graves ou piores que a violência física, pois apesar de não matar fere as pessoas em sua auto-estima, em seu poder de comunicação, produzindo seqüelas que por não ser facilmente observáveis, são despercebidas (ABRAMOVAY, 2003, p.22-23).

Por ser uma violência velada, silenciosa e disseminada nas interações sociais, a violência simbólica é praticada nos mais diversos espaços sociais, podendo ser exercida na escola, na rua e até mesmo em uma comunidade, no momento em que seus agentes impõem ações, refletindo em modos de agir, de se comportar e até mesmo em sentimentos.

Os reflexos da representação da violência simbólica, mas especificamente a violência simbólica gerada pelo tráfico de drogas, surge como “efeitos colaterais” para as pessoas que sofrem desse grande mal. No campo psicológico este tipo de violência caracteriza-se pelos sentimentos de raiva, ansiedade, medo, insegurança, angústia, impotência e desconfiança gerando assim um desequilíbrio social.

O desequilíbrio social inibe a administração do medo. O medo nos faz acreditar que o outro é inimigo, bandido, aquele que nos ameaça, que deseja o nosso mal. Os “outros” são aqueles reconhecidos inadequados, desintegrados, proclamados descartáveis, excluídos permanentemente. São “anti-sociais” que formam subcategorias de excluídos, dos socialmente desajustados que constitui uma classe perigosa (BAUMAN, 2007, apud NEURA, 2008, p. 2).

Neste contexto a violência simbólica tem contribuído para que os “fantasmas” do medo e da insegurança proporcionem a sociedade conviver com o “imaginário do medo” e em um “estado de insegurança” próprios da modernidade. (TEIXEIRA e PORTO, 1998, p. 54).

O convívio com a violência gerada pelo tráfico de drogas, pela sua difícil percepção, contribui para que seus reflexos adentrem o espaço escolar interferindo no campo material, psicológico, comportamental e relacional da comunidade escolar. Assim o espaço externo a escola é compreendido como um espaço que ameaça a rotina escolar e que submete os membros da comunidade a condições de vulnerabilidade.

De acordo com as autoras Abramovay e Rua (2002, p. 102-108) “a vulnerabilidade dos membros da comunidade escolar á violência em muito se deve as características externas da escola”. Assim escolas situadas, sobretudo, em “zonas de risco”, seja pela atuação do tráfico, gangues ou marginalidades, apresentam mudanças que afetam a sua rotina, as suas relações internas e as interações dos membros da comunidade escolar geradas pelo ambiente externo.

A noção de violência está sempre relacionada a uma referência externa. Ela é comumente representada por atos exercidos pelos outros ou por fatos externos, do lado de fora de nossas casas, escolas, como nas ruas, na periferia das cidades e entre os cidadãos econômica e culturalmente marginalizados (ITANI, 2010, p.1).

Nesta conjuntura as “zonas de risco”, considerada território de vulnerabilidades, constituem-se em um território fértil para as práticas de violência simbólica e para a desestruturação da ação educativa que potencializa a escola. Tendo em vista esta situação, apresenta-se com extrema relevância a reflexão sobre a relação estabelecida entre a escola e seu entorno.

A ESCOLA E SEU ENTORNO

A ³escola mantém uma íntima relação com a comunidade onde está situada, esta não pode ser pensada fora deste território. O território a qual a escola pertence se constitui como espaço social e as relações e acontecimentos gerados em seu entorno influem nas relações e interações estabelecidas no espaço interno da instituição.

A escola situa-se em um espaço social e territorial cujas características afetam a sua rotina, as suas relações internas e as interações dos membros da comunidade escolar com o ambiente social externo. (ABRAMOVAY e RUA, 2002, p. 95)

A instituição educacional não se apresenta isolada do contexto de violência urbana que ocorre no bairro que esta estabelecida, visto que esta mantém uma relação seja direta ou indiretamente com “elementos” do tráfico como afirma a professoras:

[...] os elementos integrantes do tráfico de drogas do bairro em questão, em parte estão relacionados direto ou indiretamente com a escola. Pois, se não fazem parte da vizinhança, tem filhos na escola, irmãos ou sobrinhos, chegando até mesmo a ser ex-aluno [...]. (Professora da Educação Infantil- Grupo 4)

A escola não deve se tornar uma ilha, separada da sociedade e dos acontecimentos que ocorrem em seu entorno, pois quanto mais isolada da comunidade e do seu entorno, maior a possibilidade de se tornar vulnerável diante da problemática da violência urbana. A relação estabelecida entre a escola e seu entorno é de extrema relevância, como afirma Abramovay et al (2005, p.304),

[...] a relevância de conhecer o entorno da escola, permite entender, de como se percebem mutuamente, a escola e o bairro, identificar quem são os autores de atos violentos (alunos, ex-alunos, pessoas

³ Por questões éticas, tanto o nome da escola quanto o nome dos sujeitos entrevistados não serão divulgados.

estranhas à comunidade escolar, membros do crime organizado, por exemplo) e os porquês percebidos como desencadeadores imediatos da violência, assim como sentidos mais complexos [...].

As escolas situadas em bairros distantes do centro urbano são caracterizadas como áreas pertencentes a comunidades periféricas. Esses espaços são tidos como espaços de grande vulnerabilidade, na qual a comunidade residente está “entregue a própria sorte”.

È nos territórios de segregação e pobreza, que a violência se manifesta em todos os seus aspectos: omissão do estado, quebra do contrato social, falta de acesso a saúde, à cidadania, a instrução, a formação profissional, ao mercado de trabalho, à segurança e as infra-estruturas urbanas. È a urbanização sem urbanidade, sem justiça social (FERREIRA, 2008, p.4).

Neste aspecto a problemática da violência urbana, que ocorre nestes espaços poderia ser explicada pela situação de vulnerabilidade em que eles se encontram. Entendem-se as condições de vulnerabilidade como resultado da influência mútua das características sociais, econômicas, políticas e culturais da população que residem neste lugar juntamente com as condições em que se apresentam os territórios que são caracterizados enquanto estrutura para oportunidades de risco aos que lá residem, ou trafegam.

As condições de vulnerabilidade sociais, nesses territórios, se constituem como espaço propício para a instalação e o desenvolvimento do tráfico de drogas e da criminalidade. Territórios onde o Estado se mantém omissivo em suas ações, localidades de baixo poder aquisitivo onde não são estimulados investimentos em área de lazer e cultura, espaços onde as crianças e jovens não tem muitas alternativas e (con) vivem com a precariedade da qualidade de vida e a violência.

Quando o crime organizado penetra nesses locais tornando-os seus territórios, o risco se instala. A população é obrigada a se relacionar com o poder do crime organizado. [...] o crime organizado arma a população para servir aos seus propósitos e a submete, traz as crianças e jovens para seu serviço e os descarta quando bem

entende. [...] A criminalidade se favorece da pobreza que se torna funcional para o crime e este contribui para aumentá-la, inclusive gerando novas exclusões pela via da inclusão de jovens pobres no vício e na criminalidade e na cooptação das comunidades carentes [...] (FERREIRA, 2008, p .4-15).

O efetivo das organizações de tráfico hoje recruta um grande contingente de criança e jovens das famílias “de bem” e trabalhadores que vivem nos morros e bairros populares, acostumando-os com as drogas e as armas, ao mesmo tempo em que arregimenta ladrões e outros criminosos, sem preocupação com a lei e a moral, sobretudo relativizando o sentido da vida e banalizando a morte (CRUZ- NETO e MINAYO, 1994, p. 211).

Neste contexto é importante afirmar que a violência não é fruto da condição de pobreza a qual a população das comunidades populares está submetida. Neste aspecto a pobreza atua como um dos fatores que contribuem para a inserção no mundo do crime e a relação com desenvolvimento do tráfico nessas comunidades tendo em vista a “facilidade” de entrar no mundo do crime e o rápido retorno financeiro na venda de drogas.

Realmente são nas periferias onde se encontram os maiores índices de violência, crimes e **expansão do tráfico de drogas, entretanto a pobreza não é o fator único e determinante para essas ações** (grifo nosso), mas pode ser entendida como um fator contribuinte, gerado pela desigualdade social e caracterizado por seu estágio de acentuada miséria, “desgraça, infortúnio, má sorte, infelicidade, insignificância e avareza”. A pobreza é uma violência, mas não é a causa da violência, as variáveis geradas pela condição de pobreza podem estimular os atos violentos, mas a pobreza por si só não produz a violência (SOARES, 2004, p. 127-128).

As ações das organizações de tráfico que ocorrem nos bairros populares interferem em todas as composições deste espaço, sejam eles os estabelecimentos comerciais, as residências dos moradores e até mesmo as escolas que estão situadas no entorno e proximidades, onde as ações se concretizam.

O espaço onde está situado a escola localiza-se em ruas pouco movimentadas, apresentando um número muito grande de residências o que contribui para que as ações da organização do tráfico sejam constantes.

[...] o bairro, a rua onde fica a escola e a infraestrutura existente no seu entorno (lojas, bares, a existência de policiamento e equipamentos de segurança de trânsito etc.) podem facilitar ou dificultar suas condições de segurança. Alteram, portanto, sua rotina, suas relações internas, bem como as interações entre os indivíduos que participam da comunidade escolar com o ambiente social externo (ABRAMOVAY e AVANCINI, 2000, p.11).

O ponto de tráfico de drogas, que se apresentam no entorno da escola e conseqüentemente os atos de violência gerada pelos conflitos entre traficantes e gangues que residem em ruas diferentes, em algumas ocorrem até tiroteios, contribuem para que o espaço externo à escola seja definido em alguns momentos como inseguro, violento e perigoso.

O impacto que a experiência cotidiana da violência do tráfico tem sobre os estudantes entrevistados pode ser analisado neste depoimento de alguns estudantes estudante do Ensino Fundamental.

O bairro onde situa a escola é muito ruim, porque tem muita morte, muita briga envolvendo armas, tem muito tráfico de drogas e tiroteio (Estudante do 5º ano do Ensino Fundamental I).

Outro dia eu estava na frente da escola, aí de repente os caras começou a trocar tiro, foi tiro pra lá, tiro pra cá, eu sair correndo desesperado (Estudante do 7º ano do Ensino Fundamental II).

Percebe-se que durante estes episódios os membros da escola ficam “a Deus dará”, exposto a situações de violência. Diante desta situação ficam perceptíveis as condições de vulnerabilidade da⁴ comunidade escolar.

⁴ Representada na pesquisa por professores, estudantes e direção escolar.

A vulnerabilidade dos membros da comunidade escolar á violência em muito se deve as características do entorno da escola. [...] Em geral, é feita uma associação entre características do entorno e o grau de vulnerabilidade a que a comunidade escolar está submetida. Como já era de se esperar, quanto menos segurança, maior a sensação de vulnerabilidade a falta de proteção. Os pontos de ônibus e o caminho entre o local de moradia e a escola se constituem como locais que ocorrem mais problemas (ABRAMOVAY e AVANCINE, 2000; ABRAMOVAY e RUA, 2002).

O depoimento abaixo exhibe a forma como alguns professores tendem a se sentir diante da violência do tráfico que ocorre no entorno da escola:

Sinto-me vulnerável diante da violência que ocorre fora da escola, porque mesmo um cidadão comum que tenta dirigir sua vida de maneira honesta pode ser afetado por um assalto, seqüestro, bala perdida, etc. (Professora do Ensino Fundamental I e II).

Às vezes sinto-me vulnerável, quando penso que acolhemos filhos, irmãos, enfim, parentes do tráfico em nossa escola e que as regras do jogo, a qualquer momento pode mudar, então poderei presenciar a morte de um desses dentro da escola, por acerto de contas (Professora do 4º ano do Ensino Fundamental I).

De acordo com Abramovay (1999, apud Soares, 2004, p.3) a população que está submetida a setores que persistem “a exclusão e a vulnerabilidade de vastos setores da população que seriamente ameaçados pela miséria estariam encontrando no crime e na violência seus mecanismos de subsistência”.

Entre as múltiplas relações que podem ser feitas entre o espaço externo e a escola, tem como importante relevância o olhar da comunidade escolar sob o bairro onde ela está inserida.

O bairro é representado por estigmas negativos, as brigas, os assaltos, os homicídios, os conflitos entre traficantes e policiais e entre os próprios traficantes, sobressaem diante dos aspectos positivos que o bairro possui, como os projetos sociais e grupos culturais, contribuindo para que o mesmo seja visto de forma pejorativa e estereotipada.

Segundo Goffman (1891, p.60) “o estigma surge sobre o bairro atribuído pela cidade enquanto imaginário coletivo, e re-significa convergindo nas relações e no imaginário dos que residem ou trafegam neste espaço”. Neste aspecto Certeau (1994) afirma que o imaginário da cidade sobre o bairro reflete nas inter-relações (elementos que expressam a sua identidade) estabelecidas pelos moradores a partir das qualidades e características do local que residem ou provém.

Nestas circunstâncias, o bairro onde situa a escola, considerado ameaçador, inseguro e violento, contribui para que a mesma visão persista sobre a instituição escolar e conseqüentemente sobre os seus sujeitos. “As situações de violência afetam a identidade escolar” (FACKIN, 2006, p. 80).

“[...] o estigma de um indivíduo se instaura nele durante a sua estadia numa instituição [...]. O indivíduo estigmatizado pode mostrar uma ambivalência de identidade quando vê de perto que eles comportam-se de um modo estereotipado, exibindo de maneira extravagante ou desprezível os atributos negativos que lhes são imputados” (GOFFMAN, 1891, p. 82-93).

Segundo Chevallier (1958, apud Abramovay, 2005, p.274) “a visão negativa que hoje se tem sobre os bairros populares, ditos como favelas e / ou invasões faz com que os indivíduos que vivem nesses locais sejam culpabilizados e identificados como pertencentes às classes perigosas”.

O olhar estigmatizado sobre o bairro, a escola e por seguinte sobre estes sujeitos colabora para a negação do sentimento de pertença ao bairro de origem, ou que estão situadas sua moradia, e até mesmo para negar a escola a qual estuda, visto que a pertença se constitui enquanto sentimento e construção do sujeito social que se relaciona com o local onde se mantém uma intensa relação.

Tendo em vista esta problemática, o sentimento de viver e de pertencer a um bairro popular marcado por estereótipos e estigmas depreciativos, nos permite uma reflexão sobre a lógica de sociabilidade existente entre o bairro e a comunidade escolar.

3.1. O Tráfico de Drogas e a Comunidade Escolar

A violência relacionada ao tráfico de drogas se tornou um problema de grande relevância social, visto que esta condiciona a vida das sociedades, interfere no funcionamento dos bairros populares e inclusive da comunidade escolar que está situada neste espaço.

(Con)viver com o tráfico de drogas, tem sido um dos grandes desafios enfrentados pela comunidade escolar. Esta realidade que acontece de forma externa a escola, não se apresenta tão distanciada das relações que ocorrem dentro da escola, como quiséssemos que estivesse. A violência no bairro nos é imposta, difundida, como por exemplo, os casos de assassinatos entre os traficantes, os conflitos entre traficantes e a polícia, cujos agentes estão geralmente, na população menos favorecida. É a violência urbana dominando a escola e interferindo na comunidade escolar, “é a violência urbana que invade a escola, mas ela não é, rigorosamente, violência escolar” (SPOSITO, 1981, p.6).

A comunidade escolar vivencia o imenso conflito entre o poder do tráfico de drogas e o impasse de ver suas ações sendo concretizadas. O tráfico estabelece novas formas de controle sobre o bairro, onde as gangues e traficantes ditam as normas e regras a serem cumpridas, enquanto a escola busca subterfúgios diante desta situação.

As ações realizadas na comunidade, no cumprimento das exigências requeridas pelo poder do tráfico, se constituem em agentes de atos violentos para com a própria comunidade, como para a escola que esta situada nesta comunidade, uma vez que o controle do território impõe limites sobre os espaços onde a comunidade escolar pode circular.

De acordo com Bourdieu e Arendt (2005, apud VIEIRA, 2007, p.5) “todo e qualquer exercício que de alguma forma cerceia a vontade do individuo, torna-se violência”.

A organização do tráfico, segundo Cruz-Neto e Minayo (1994), estabelecem-se nos bairros populares, onde ditam o convívio social, numa relação de prêmio para os que seguem seus ditames e de castigo para os que ousam

descumprir, confundi-se no cotidiano a postura paternalista é a “lei do cão” para dominar as comunidades.

Nos locais dominados pelo tráfico de drogas, são estabelecidas regras visando proteger a ação criminosa, o que é constantemente perceptível nas ruas as demonstrações de poder. Os traficantes se exibem com armas em punho e demonstram ter o controle sobre aquele determinado território. O tráfico de drogas que se estabelecem em alguns espaços, denominados “espaços limítrofes” interfere a circulação das pessoas inclusive da comunidade escolar.

Procuramos nos limitar em trafegar, apenas, em lugares que sabemos que é imprescindível passar. Ainda que haja necessidade de nos locomover dentro do bairro, não são todas as ruas que podemos transitar. Ficamos, muitas vezes, impossibilitados de visitar ou emitir algum recado, até mesmo prestar alguma forma de socorro a amigos por conta da violência. Quando uma pessoa vai para alguma rua do bairro que não é a sua, principalmente homens, comumente é chamado de “Alemão” e isso é sinônimo de perigo (Professora da Educação Infantil- Grupo 4).

Até os próprios estudantes precisam negar sua referência territorial para que não sejam coagidos pelos traficantes que dominam certas áreas.

Há um conflito entre as ruas [...] O Forno não pode ir para a Vasco e nem para a Muriçoca [...]. Eu moro no Forno, mas quando vou lá na Muriçoca falo que sou da Muriçoca (Estudante do 7º ano do Ensino Fundamental II).

Dentro desta conjuntura a escola percebe-se diante da sensação de fraqueza, pois a comunidade escolar questiona-se como agir, reagir e conviver perante os atos de violência que afligem os estudantes, os professores e os demais membros da comunidade escolar.

Quando a sociedade se vê ameaçada pela violência, quando os direitos humanos e a cidadania são violados, seus direitos de educação e democracia ficam abalados, pois a violência enfraquece as instituições responsáveis pela coesão social, pela socialização, entre elas, a escola (PERALVA, 2000, apud FACKIN, 2006, p.78).

De acordo com a direção da escola, dirigir uma unidade escolar inserida nesta realidade, não é tarefa fácil, pois a escola se vê a todo o momento sendo cercada pela influência negativa do meio.

O cotidiano da escola por estar situada em área de risco, por causa da grande incidência do tráfico de drogas, das gangues e outros crimes é bastante simbólico e pode trazer conseqüências para a comunidade escolar como um todo. Fenômenos como stresse, déficit de concentração e aprendizagem, desinteresse pela escola, falta de motivação, queda no rendimento e até mesmo evasão escolar, são fatores a qual a violência presente no cotidiano das escolas está associada.

Os conflitos entre traficantes e entre as diferentes gangues de acordo com Abramovay e Rua (2002), prejudicam na vida escolar na medida em que os conflitos interferem no deslocamento da comunidade escolar até a instituição, visto que os conflitos estão vinculados a demarcação de territórios. Determinados espaços são ocupados, onde um determinado grupo nomeia-se o “manda chuva”, o “dono do pedaço”, construindo assim fronteiras geográficas e ultrapassá-las representa um perigo.

Neste contexto, não se pode negar que a violência no bairro afeta a rotina da escola, que há uma insatisfação e desconforto por parte da comunidade escolar diante dos riscos que todos os integrantes da escola correm. Conforme afirma Abramovay e colaboradores:

A violência e a criminalidade são tidas como propulsoras da violência que se manifesta nos arredores da escola. [...] a escola pode ser perpassada por diversos tipos de situações da ordem da violência urbana e da criminalidade, que não são específicas da dinâmica escolar, mas que afetam seu cotidiano, interferindo no ambiente, como ela se organiza e nas ações entre os atores sociais que nela convivem (ABRAMOVAY et al, 2005, p.294).

Apesar do tráfico de drogas ocorrerem em outros pontos que não estão situados nas proximidades da escola, de acordo com os estudantes, existe pontos específicos onde as ações dos traficantes são mais intensas como as ruas

denominadas Baixa da Égua, Forno, Lajinha e Vale da Muriçoca, e onde seus reflexos acabam por alcançar a instituição escolar.

Há um conflito entre os espaços, os caras da Lajinha, do Forno, do Beco da Rabada, da Baixa da Égua, da Muriçoca, da Madrugada e das palmeiras não se batiam, era um conflito só. Hoje depois que mataram uns caras, uns traficantes dono da boca, a Lajinha se juntou com as Palmeiras, e os caras da Baixa da Égua ajudam os caras do Forno, mas eles sempre brigam (Estudante do 7º ano do Ensino Fundamental II).

O trajeto feito pelos estudantes e professores do local de sua moradia até a escola apresenta-se como espaço aberto para inúmeras eventualidades da ação criminosa do tráfico de drogas. Os conflitos entre os traficantes, a busca de traficantes e/ou usuários de drogas pela polícia, a troca de tiros entre as gangues, os homicídios se configuram entre inúmeras manifestações da violência do tráfico e estão presentes no cotidiano, como afirma a professora do Ensino Fundamental I:

Outro dia poucos minutos após ter terminado o baile de carnaval da escola, mataram um rapaz, até jovem [...] deram vários tiros nele, ali bem pertinho da escola [...]. Graças a Deus a festa já tinha terminado se não seria um alvoroço, com certeza os pais iam vim buscar logo os meninos na escola e os meninos iriam querer ir logo pra casa [...] (Professora 2º ano do Ensino Fundamental I).

As manifestações da violência do tráfico, muitas vezes são presenciadas pela comunidade escolar nos momentos em que estão entrando ou saindo da escola, tendo em vista que os crimes e conflitos ocorrem, mas especificamente no período da tarde, por volta das 14 horas, ou entre 17 e às 19 horas.

De acordo com a comunidade escolar, a maioria dos crimes e conflitos entre os traficantes, que ocorrem no bairro, nas proximidades da escola, trata-se de “vingança” ou dívidas estabelecidas entre eles que acabam resultando em mortes, muitas vezes presenciadas pelos estudantes a caminho da escola.

[...] ações das gangues no entorno escolar: desentendimentos em função de uma vingança, de uma cobrança de dívida relativa ao tráfico de drogas, por um desentendimento entre um integrante e outro, de outra gangue. O que me surpreende é que, às vezes, um motivo banal para o nosso entendimento reveste-se de um significado extremamente, importante e forte [...] (CARNEIRO, 2006, p. 112).

A maioria dos estudantes convive com as cenas da violência do tráfico, isso acontece porque muitos residem ou estudam no mesmo bairro onde esta situada a escola, bairro onde os índices de violência e tráfico de drogas são exorbitantes. Muitos afirmam ter presenciado episódios como tiroteios e até mesmo assassinatos, e caracterizam as cenas como “horripilantes”. A presença de “olheiros” (pessoas que avisam as gangues quando a policia está no bairro), a presença de helicópteros sobrevoando a região da escola e a presença de pessoas “suspeitas” circulando perto da escola, deixa a comunidade escolar aterrorizada e completamente insegura.

Entre todas as formas de violência que podem ocorrer no entorno das escolas, o tráfico de drogas representa uma grande preocupação. A ação dos traficantes pode tornar as escolas inseguras e violentas. Em algumas áreas mais críticas, os traficantes impõe regras de circulação e conduta, sem falar no risco de tiroteios nas redondezas das escolas, em decorrência de disputa de grupos ou de embates com a polícia (ABRAMOVAY e AVANCINI, 2000, p.11).

A falta de segurança nos dias atuais é um tema e uma preocupação recorrente nos bairros e nas cidades que são “dominadas” pela violência do tráfico de drogas.

Pode-se dizer que a falta de segurança existe tanto como um ‘fantasma’ que ronda os indivíduos, ameaçando sua integridade física e psicológica, quanto como uma fratura que efetivamente se processa na ordem cotidiana por meio de atos criminosos e ações de caráter violento (ABRAMOVAY et al, 2005, p.276).

De acordo com a comunidade escolar a questão da insegurança está diretamente relacionada ao bairro, ao entorno da escola, estes afirmam que a falta de policiamento contribui para aumentar este sentimento, devido às ações dos traficantes que ameaçam os que circulam em horas impróprias as áreas que ficam nas redondezas da escola.

Para escolas situadas, sobretudo, em “zonas de risco” pela atuação do tráfico de drogas, gangues ou marginalidades sustentam que a polícia deveria dar segurança máxima e permanecer por período integral ao invés de passar por ali só quando há conflitos entre os traficantes, há busca por traficantes ou usuários de drogas, ou quando há troca de tiros entre gangues (ABRAMOVAY e RUA, 2002, p. 108).

Neste contexto a sociedade acredita que a ação do estado, inserindo dentro das comunidades bases policiais, como rondas policiais, mecanismos de ações pacificadoras como câmeras e policiais em guarda, situados em pontos estratégicos onde ocorrem mais freqüentemente as ações do tráfico de drogas, contribuiria para que o clima de segurança pairasse sobre o bairro, mas por sua vez, a ação do estado no combate à violência em outros territórios não tem sido vista com bons olhos. Os policiais intimidam a comunidade, abordam os moradores e os submetem a situações constrangedoras como revistas e interrogatórios, além dos sujeitos que residem ou andam na comunidade serem generalizados, sendo considerados como infratores e criminosos. O que seria uma ação de prevenção passa a ser um abuso exercido pelos policiais. É “o combate ao crime por parte do estado, se fazendo com violências e vítimas” (FERREIRA et al, 2008, p.15).

Diante desta situação afirma Fackin (2006, p. 78),

há uma urgência da sociedade e das autoridades constituídas em realizar um diagnóstico dos problemas relacionados à criminalidade e a violência, para serem adotadas políticas públicas mais eficientes, principalmente na área social e educacional. Apenas perceber o aumento da violência e nada fazer resultará na impossibilidade de conviver no mundo.

Nesta concepção Loureiro (1999) atenta para o fenômeno da violência que surge não só do individual, mas principalmente do social, passando a ser um fato real, visível em seus estardalhaços ou subliminar que se apresenta subjacente às regras, normas etc., que se apresenta em todo o lugar, e conseqüentemente invadiu, ou explodiu nos lares, bares, hospitais, igrejas entre outros espaços, e a escola, a ela, não ficaram imunes.

Abramovay (2000, 2007) dentro desta perspectiva atenta-se para o fato de que a escola converte-se como uma caixa de ressonância de atritos que nem sempre ocorrem dentro da escola, onde esta deveria ser um local de sociabilidade que proporcionassem espaços para encontros com segurança garantida, onde a escola pudesse exercer seu papel enquanto formadora de cidadãos íntegros capazes de mudar sua realidade social, mas infelizmente a instituição escolar tem se constituído como reflexo das brigas entre gangues, conflitos do tráfico, rixas do bairro e rivalidades passionais entre outros aspectos e não podemos negar que as conseqüências disso sobre o ensino e a aprendizagem são extremamente negativas.

3.2. Um Olhar sobre a Violência gerada pelo Tráfico de Drogas

Independente da localidade, a violência atinge a sociedade, esta se interiorizou pelos municípios baianos e infelizmente Salvador, hoje de acordo com SSP (Secretaria de Segurança Pública) se destaca como a segunda cidade mais violenta da Bahia, devido à centralidade da criminalidade e dos conflitos gerados pelo tráfico de drogas.

Os índices de violência têm aumentado muito em virtude da expansão do tráfico de drogas, o número de homicídios relacionados com o tráfico tem ocorrido constantemente e de acordo com a SSP e a CEDEP (Centro de Documento e Estatística Policial), Salvador apresentou um ⁵índice de 1 638 mortos entre os anos de 2006 e 2010.

⁵ BRANDÃO, M. Homicídios na Bahia cresceram 50,7% desde 2006. A TARDE On Line. Salvador, 25 jan. 2011. Disponível em: < <http://www.atardeonline.com.br/cidades/noticia.jsf?id=5678104>>. Acesso em 19 mai. 2011.

A violência toma conta de Salvador. Um ataque de bandidos a um bar por volta das 19 horas deste domingo, no Engenho da Federação resultou na morte de quatro pessoas e 13 saíram feridas, duas das quais em estado grave [...]. Fortemente armados, os bandidos desceram de um táxi e começaram a disparar contra os freqüentadores do estabelecimento (Redação do Jornal da Mídia, 2008).

A violência atinge todos os bairros da cidade, mais infelizmente os que mais sofrem são os bairros populosos, situados nas periferias da cidade, sendo o Engenho Velho da Federação um dos bairros que se encontram na mira das ações dos traficantes.

O bairro do Engenho Velho da Federação destaca-se pela intensa presença de terreiros de candomblé e como berço de artistas musicais. Mas, toda esta profusão cultural vem sendo encoberta por uma aura de violência que começou na década de 1980 e intensificou-se nos últimos três anos em uma de suas localidades: a Baixa da Égua. Encravada entre a Avenida Vasco da Gama e a porção central do Engenho Velho, a Baixa, segundo a polícia, tornou-se cenário de constantes disputas entre quadrilhas de traficantes de drogas (Samuel Lima, do A Tarde).

O tráfico de drogas juntamente com a violência que o proporciona tem tomado rumos tão exorbitantes que os meios de comunicação acabaram transformando os episódios de violência em um mero espetáculo.

Neste aspecto Salvador se transformou, juntamente com estes episódios, em uma cidade espetacular, onde a violência do tráfico apresenta-se como “prato cheio” para as reportagens sensacionalistas.

Nos noticiários, por exemplo, é comum vermos a futilidade da violência. [...] crimes organizados, grupos de extermínio, gangues de ruas etc., como massas organizadas na maioria que são nutridas por uma ânsia de destruição e agressão física na maioria das vezes [...] (ARAÚJO, 2004, p. 102).

Enquanto a violência do tráfico é transmitida para a sociedade com sensacionalismo através dos meios de comunicação como rádios, jornais e telejornais, a comunidade do Engenho Velho da Federação modifica a paisagem urbana projetando e construindo “muralhas” ao redor de suas residências. A construção de muros, a implantação de cercas elétricas e grades, o enclausuramento dentro de suas próprias casas como forma de defesa e em busca de se sentir mais seguro, faz com que as pessoas assistam atrás das grades das janelas e portas de suas moradias, a cruel realidade que é a ação do tráfico.

A instituição escolar não se distancia de um dos alvos da violência do tráfico os professores, os estudantes, a comunidade escolar como um todo são obrigados a conviver com o sofrimento, a angústia e o medo que a violência do tráfico proporciona a comunidade popular do Engenho Velho da Federação.

Perceber os reflexos da violência e entender como a mesma adentra os espaços escolares exige da comunidade escolar um olhar atento e minucioso, visto que quando se trata da violência simbólica passa-se despercebida pela comunidade escolar.

Pelo que se observa raramente a violência simbólica é percebida no dia-a-dia, embora, muitas vezes, ela apareça, a violência física é mais aparente. O temor, de certa forma, é maior em relação ao físico, ainda que saiba que marcas profundas podem ser deixadas pela violência simbólica. Nesse sentido, constata-se que a violência sutil é aceita na escola como algo normal, e a tarefa de desvelá-la se faz cada vez mais necessária (PACHECO, 2008, apud VELASQUEZ e CUNHA, 2008, p. 5).

Segundo Velasquez e Cunha (2008) a violência apresenta várias faces o que dificulta a percepção de forma clara e a sua análise, esta pode ser pensada como prática “escondida” fundida no espectro da palavra e das atitudes, desvencilhando ao ato físico.

Neste contexto é importante ressaltar que o olhar dos estudantes sobre a violência transparece a sua pouca compreensão. A violência é entendida como algo que afeta principalmente o aspecto físico, estando o aspecto psicológico como algo

que não está envolvido nesta problemática. De acordo com Simões (2006, p.97) “as estruturas sociais quanto às psicológicas dos indivíduos caminham juntas [...]”.

O entendimento que os estudantes têm sobre a violência está diretamente relacionado com o que é presenciado e vivenciado no cotidiano destes estudantes.

Os depoimentos abaixo demonstram como alguns estudantes compreendem a violência.

Violência é drogas, em geral, por exemplo, crack etc., mortes, briga de ladrão, tiroteio, brigas de polícia e ladrão entre outras (Estudante do 5º ano do Ensino Fundamental I).

[...] a violência é o conflito entre pessoas e isso acontece por causa de pontos de drogas (Estudante do 7º ano do Ensino Fundamental II).

O entendimento que se tem sobre a violência pelo corpo docente e pela direção escolar também não se diferencia da visão dos estudantes. Os professores em sua grande maioria compreendem a violência como uma ação física ou verbalmente praticada a outra pessoa. Como se a violência mesmo não estando diretamente voltada para o sujeito, pudesse atingi-lo de alguma forma.

Violência é todo ato ou ação que você possa praticar em outra pessoa violentamente ou verbalmente (Professora do 2º ano do Ensino Fundamental I).

Violência é toda e qualquer ação de punho oral e físico que desabone a conduta de ambos (Diretora da escola).

Tendo em vista os momentos constantes de violência presenciados pelos professores no entorno da escola, a violência também é entendida como uma reação, como algo que já faz parte do cotidiano.

A violência não é a “ação” do problema, mas uma “reação” de toda uma desestruturação que nos rodeia (Professora do 4º ano do Ensino Fundamental I).

A violência é uma ação desestruturada que vivenciamos no nosso dia-a-dia (Professora do 1º ano do Ensino Fundamental I).

Dentro desta perspectiva é importante entender que o cotidiano faz parte da nossa vida, traduz à essência do viver social, o que nos impede de fechar os olhos e ignorar os fatos e os acontecimentos da violência que se representa a todo o momento a nossa volta, estes não podem passar despercebidos, pois de uma forma ou de outra faz parte da nossa história.

A vida cotidiana é a vida de todo homem [...]. A vida cotidiana é a vida do homem inteiro, ou seja, o homem que participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade de sua personalidade. Nela, colocam-se em funcionamento todos os seus sentidos, suas paixões, idéias, ideologias [...]. A vida cotidiana não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico: é a verdadeira ‘essência’ da substância social (HELLER, 1985, apud CAMPOS, 2008, p.37).

A comunidade escolar convive com o cotidiano onde a violência do tráfico de drogas ganha cada dia mais espaço e segundo Garutti e Begnossi (2010, p.194) “enfrentar problemas relacionados com a violência é algo em que os membros da comunidade escolar estão se habituando”.

Infelizmente pelo fato da violência do tráfico está “dominando” vários territórios, não somente das comunidades populares, mas também em áreas nobres da cidade, o olhar da sociedade sobre a violência, não tem sido tão meticuloso o quanto deveria ser. A violência não somente a do tráfico de drogas, mas a violência urbana como um todo tem se transformado em um elemento natural na vida das pessoas, como afirma Sposito (1981, p.8) “parece que se trata de sua banalização e a prática da violência passa a ser incorporada no dia a dia das unidades escolares”, o que impede que esta seja vista com um olhar mais crítico.

Pode-se dizer que a violência naturalizada encontra-se em estado de latência, pois está presente em nossa sociedade e não é entendida como uma situação de constrangimento, sendo algo oculto, implícito no social hostil, que se manifesta no formato de outra violência, fornecendo as condições necessárias para o acometimento no crime (SOARES, 2004, p.2).

A percepção da comunidade escolar sobre a violência gerada pelo tráfico de drogas é apresentada com muita naturalidade, é como se a situação a qual estão submetidos à comunidade escolar fosse algo irreversível e que se depara distante de qualquer ação da escola como mecanismo para amenizar esta problemática. Neste aspecto quando a violência que aflige a escola trata-se da violência externa é necessário pensar como a escola pode reagir diante desta situação. Como afirma ABRAMOVAY et al (2005, p. 304),

Quando a violência vem literalmente de fora, costuma-se buscar sentidos nas relações sociais que se dão dentro das escolas, nem no seu clima, mas se sublinha a impotência, a dúvida de que a escola, por si, possa fazer frente, prevenir e até punir tais atos, já que esses são impetrados principalmente por outros - os estranhos -, sobretudo se esses são enquadrados como “bandidos”.

Nesta mesma conjuntura, ODÁLIA (1993, apud Araújo 2004, p.104), afirma que a violência por ocorrer constantemente na vida das pessoas “se expressa na lei que consagra os seus limites que são permitidos a cada sociedade que muitas vezes normaliza o que não é normal”.

Os professores, estudantes e a direção escolar, admitem que os reflexos da violência do tráfico adentram a escola e acabam prejudicando ou interferindo em sua vida social e profissional, como os mesmos afirmam:

A violência interfere na minha vida, pois as vezes eu fico com medo dos caras me pegar(Estudante do 7º ano do Ensino Fundamental II).

[...] acredito que diariamente o problema da violência gerado pelo tráfico de drogas interfere de certo modo na minha vida profissional. Já me deparei em momentos de aflição, em que fiquei impossibilitada de cumprir o meu horário de chegada ao trabalho em virtude da ação de um grupo de traficantes, que circulavam com armas em punho à procura de integrantes de outro grupo rival. Como moro próximo da escola, não sabia se voltava para casa ou se continuava caminhando. É uma situação extremamente complicada, pois as pessoas ficam temerosas e procuram se proteger do jeito que conseguem. Procuram guarita em casas comerciais, casas de vizinhos. Eu resolvi voltar para casa e aguardar, porque não sabemos exatamente o local do alvo (Professora da Educação Infantil- Grupo 4).

Interfere na vida profissional, pois precisamos a todo o momento ter que fazer interferência sobre o assunto (Diretora da escola).

Apesar de a comunidade escolar admitir os reflexos da violência do tráfico dentro da escola, os mesmos são percebidos de forma camuflada, como se não houvesse relação com a violência urbana.

[...] a violência nas escolas é consequência imediata da violência urbana, das balas perdidas que encontram corpos inocentes no cotidiano das grandes cidades (SIMÕES, 2006, p.99).

De acordo com Garutti e Begnossi (2010, p.195) “a escola é um local de aprimoramento intelectual, de obtenção de conhecimento e vem sendo bombardeada por atos de violência vindos de todas as partes”. Neste aspecto os autores afirmam o grave problema da violência do tráfico que vem dominando o panorama escolar impedindo que a escola exerça o seu papel, deixando de atuar na vida da comunidade escolar, e fazendo com que tanto os docentes quanto os discentes sofram as consequências dos diversos tipos de violência que a cometem a escola.

Diante deste contexto, sendo a violência que adentra as escolas fruto da violência urbana, é necessário compreender de que forma os reflexos da violência gerada pelo tráfico de drogas se apresentam no espaço escolar e como a comunidade escolar é afetada por este mal.

REFLEXOS DA AÇÃO VIOLENTA DO TRÁFICO DE DROGAS

Compreender a violência que ocorre no entorno da escola requer principalmente a compreensão de como os reflexos da violência do tráfico invadem e se instalam dentro da instituição escolar.

A violência nas escolas, ou melhor, a que geralmente aparece relatada nos órgãos de imprensa, invade, especialmente, as instituições escolares onde estudam os mais pobres. As escolas das periferias são as que mais experimentam o sabor da violência no interior de seus muros (SIMÔES, 2006, p.96).

A violência do tráfico que ocorre no bairro do Engenho Velho da Federação tem tomado rumos exorbitantes que possibilitou adentrar os espaços da escola situada no bairro. Independente de a comunidade escolar não estar ligada diretamente com as ações do tráfico, as representações da violência dentro da instituição se apresentam a todo o momento, no horário de chegada, nas salas de aula, durante as aulas, no pátio principalmente nos horários do intervalo para o lanche, e até mesmo no horário de saída. Atinge aos professores, aos alunos a comunidade escolar como um todo.

Segundo Dayan (2008, apud Garutti e Bergnossi 2010, p.196), “a escola não se apresenta isolada da sociedade, muito pelo contrário, a escola reproduz os problemas da sociedade, assim como a virulência urbana, só que em uma escala menor”, o que justifica o fato da violência do tráfico apesar de ocorrer fora dos muros escolares, apresentarem reflexos dentro da escola.

Nesta perspectiva Ruotti, baseado nos trabalhos de Guimarães e Paula (1992, 1998), afirma a relação existente entre o padrão social da população escolar e violência urbana:

[...] os aspectos externos á escola, como os padrões sociodemográficos da população escolar e a violência urbana, compõem o quadro de indagações sobre a violência dentro dos muros escolares. [...] a interferência de grupos inclusive envolvidos

com o tráfico de drogas, nas unidades escolares, impedindo o processo educativo (RUOTTI, 2010, p. 342).

Apesar de existir uma íntima relação entre violência urbana e a comunidade escolar, alguns estudos demonstram que para compreender a violência na escola não se trata de ter como referência a cultura adquirida pelos jovens ou a sociedade a que eles pertencem. Como afirma Silva e Salles (2008, p.11):

Quanto à violência na escola, uma questão a ser explicada é se esta violência pode ser melhor compreendida tendo como referência a subcultura juvenil ou a comunidade a qual estes jovens pertencem. A resposta não é simples.

A violência gerada pelo tráfico de drogas gera conseqüências que interferem no campo material, psicológico, comportamental, e relacional. Os eventos da violência ocorridos no bairro fazem com que em cada época as representações e os sentimentos da comunidade escolar em relação à violência alterem a partir dos saberes construídos em vivências e convivências.

O reflexo da representação da violência gerada pelo tráfico de drogas dentro da comunidade escolar encontra-se como “efeitos colaterais” desta. Invade os portões da escola e se caracteriza por raiva, medo, angústia, ansiedade, insegurança e pelo sentimento de impotência, afeta o aprendizado, o comportamento e interferem principalmente na rotina da escola.

A escola vive hoje segundo Figueiredo (1996, apud FREITAS, 2006, p.105), “o chamado ‘estado’ ou ‘condição’ de violência, algo que passa a se constituir como elemento permanente da cultura escolar, marcando um regime de sociabilidade dominante”. O imaginário do medo tem causado nas escolas o progresso da violência, sendo este progresso entendido como um conjunto de acepções construídas pelo homem a qual ele se envolve.

4.1. Medo, Angústia e Impotência: Vivendo em Fogo Cruzado

A violência do tráfico tem se transformado em uma desordem, difícil de controlar, esta tem aprisionado o comunidade escolar, mantendo-os em estado de insegurança gerando angústia, medo e impotência.

A violência tem produzido vítimas fatais e seqüelas físicas e psicológicas, a violência gera insegurança e medos sociais para um contingente cada vez mais expressivo da população independente de sua condição socioeconômica [...] (GOMES, 2004, p. 91).

Segundo Koury (2002, apud CAMPOS, 2008, p. 11), o medo apresenta-se como "[...] uma das principais forças organizadoras do social". É um sentimento que importuna e dirige a conduta humana, e "[...] em toda e qualquer forma de sociabilidade o medo encontra-se presente".

De acordo com Loureiro (1999) a violência apresenta várias facetas, esta não se mostra claramente, o que permite compreendê-la como um fenômeno complexo, delicado e escorregadio que emergem sentimentos como raiva, medo, ódio, mas também sentimento de piedade o que é algo contraditório.

Os episódios da violência do tráfico na comunidade do Engenho Velho da Federação têm desestruturado a vida da comunidade escolar. A direção da escola, os alunos e principalmente os professores tem convivido constantemente com o medo.

O medo não está ligado somente à probabilidade de ser vítima, mas também a percepção que se tem do mundo social, a capacidade de reação e a proteção de que se dispõe. Tem-se medo de ser roubado quando se sabe que a polícia não protege, alimentando um sentimento de insegurança social que é mais geral (MUCCHIELLI, 2002, apud ABRAMOVAY et al, 2005, p. 277).

A sensação de que a qualquer momento pode ser alvo da violência do tráfico deixa a comunidade escolar aterrorizada. Os professores e principalmente os alunos se dirigem até a escola assustados, caminham atentos, desconfiados de que repentinamente a paz e a tranquilidade que pairam naquele momento, possa se transformar em correria, gritos e barulhos de sirenes das viaturas e balas que ecoam em meio às ruas.

Insegurança, medo, ameaça, perigo e crime tornaram-se assuntos dominantes nas falas, no mais das vezes acusativas, do nosso cotidiano urbano. São elementos que estão na base das práticas de caráter defensivo, repulsivo ou repressivo que, para mais ou para menos, perpassam todas as camadas da sociedade brasileira. A violência constitui um elemento estruturador, ao mesmo tempo banal e assustador, das ações e pensamentos do dia-dia de nossas metrópoles [...] (KOWARICK, 2002, apud CAMPOS, 2008, p. 143).

A comunidade escolar através de seus depoimentos demonstra o quanto o imaginário do medo e a insegurança já fazem parte do seu cotidiano.

Eu estou com medo de viver neste Engenho Velho, já tenho doze anos aqui, já não agüento mais, eu quero me mudar (Estudante do 7º ano do Ensino Fundamental II).

Hoje o bairro e particularmente a escola está à mercê da violência por conta da luta efetiva pelo ponto de drogas. Prejudica, pois com certeza alguns alunos acabam deixando de estar no ambiente por conta do medo do trajeto (Diretora da escola).

Segundo Abramovay et al (2005), os alunos ao perceber que podem sofrer ameaçadas pela violência externa, geram um sentimento de insegurança que acaba difundindo em sua percepção sobre a escola, e esta violência acaba comprometendo a sua freqüência a escola.

Muitas vezes a comunidade escolar chega a ser extremista quando se aborda a violência, como se as ações dos traficantes abrangesse o bairro como um todo, o que não é verdade. A violência do tráfico acontece em pontos específicos do bairro, e pelo fato do seu reflexo atingir áreas que não está relacionada

diretamente com o tráfico de drogas, os estudantes e professores fala sobre o bairro e até a própria ação do tráfico de forma generalizada.

Mesmo vivenciando momentos de paz e tranquilidade no bairro a comunidade escolar demonstra a todo tempo estar envolvida pelo medo e pela angústia. Os episódios de violência permanecem internalizados nos pensamentos da comunidade escolar, o que faz com que o medo, a insegurança, a aflição de que a qualquer momento poderá viver momentos de terror e agonia não sejam esquecidos.

Eu fico com medo, quando tá acontecendo tiroteio, briga entre os traficantes, eu escuto tudo de casa e fica tudo na minha cabeça [...] é como se eu tivesse ali [...] quando eles gritam corre, corre [...] (Estudante do 7º ano do Ensino Fundamental II).

Segundo Teixeira e Porto (1998, apud ABRAMOVAY et al, 2005, p. 277) “a insegurança que aflige a modernidade está relacionada ao aumento da violência, promovendo a base e o fortalecimento de um imaginário do medo. Tal medo nem sempre corresponde à realidade”. Nesse sentido a percepção que se tem sobre a criminalidade por parte da população ajuda a contextualização da problemática do medo e da insegurança.

O medo e a insegurança se transformaram em algo intrínseco na vida dos professores e estudante da instituição. O receio de que algo possa acontecer deixam os professores e estudantes apreensivos ao irem para a escola e principalmente no horário de voltar para casa, período em que normalmente os episódios de violência acontecem.

A partir do momento em que você transita por um local onde é freqüente a trocas de tiros entre marginais e policiais, você passa a ficar muito exposto a uma bala perdida, então passar a ser vítima de algo que você não plantou e acabar colhendo os frutos de uma sociedade arrasada pelas drogas e o crime (Professora da Educação Infantil- Grupo 5).

Sempre saio preocupado de casa. Pois às vezes as coisas acontecem quando menos se espera, e algumas vezes a pessoa que

não tem nada a vê com as disputas do tráfico acabam prejudicadas (Professor do 7º ano do Ensino Fundamental II).

De acordo com alguns estudos sobre violência, constata-se que a percepção de insegurança pela sociedade é algo recente, que vem surgindo de dez anos para cá. Antes disso, estudantes e professores, se sentiam seguros ao sair de casa para a escola, o que não acontece nos dias atuais, ambos sente medo do entorno, da violência que entra na escola.

Os sentimentos de aflição, temor e fraqueza diante dos momentos de violência, faz com que seja estabelecido um novo olhar sobre os que transitam no entorno da escola. Todo e qualquer pessoa que nunca foi visto pela comunidade escolar nas proximidades da escola, é tida como “suspeita”, nomeados como sujeitos envolvidos com o tráfico. Este olhar implica no comportamento da direção da escola, pois ao perceber a presença desses sujeitos, fica angustiada, mantém os portões da escola sobre uma maior vigilância, evitam a presença dos alunos nas janelas ou pátio da escola e ficam atentos aos alunos que estão se dirigindo a escola ou retornando para casa.

A direção e os professores tentam agir com o máximo de cautela para que os estudantes não percebam a situação, e para que os mesmos não se desesperem ou mesmo despertem a curiosidade para saber o que está acontecendo. A ação da direção e dos professores da escola busca preservar os estudantes de eventos constrangedores, evitando que as sensações de medo, impotência e horror se instalem ainda mais em seu interior, pois de acordo com Loureiro (1999, p. 57-58), os mesmos se fazem presente:

Violência, ao mesmo tempo causa constrangimento, morte, dor e horror. [...] a impotência é geral. O imaginário do medo, o imaginário catastrófico permeiam as falas, as salas, as atitudes por vezes precipitadas e inócuas. A perplexidade acontece; é visível. A violência desafia as razões, desperta as emoções mais dispares e atitudes esdrúxulas, sem nexos [...].

Segundo Gomes et al (2006) o registro e/ou aumento de atos delituosos ocorridos, tendo como palco a escola e seu entorno apresenta como consequência

a disseminação não só do sentimento de insegurança, mas também a aversão a própria escola.

Nesta perspectiva a escola se depara com o risco de assistir de perto o fechamento da instituição por conta dos professores e principalmente os estudantes adquirirem pavor não ao ambiente escolar em si, mas ao contexto em que está inserida a escola.

A violência urbana ou extramuros da escola, figura, como um dos principais motivos de afastamento dos meninos e das meninas de suas escolas principalmente os primeiros. O tiroteio cada vez mais comum nos bairros populares, o uso de armas de fogo e a presença de traficantes nessas comunidades tem prejudicado o rendimento escolar, levando-os muitas vezes ao afastamento ou mesmo ao abandono dos bancos escolares (ZALUAR e LEAL, 2001, p. 158).

[...] constata-se que a escola não está protegida da atuação dos grupos de traficantes. Ao contrário, suas ações na comunidade refletem como uma ordem de fechamento dos estabelecimentos (ABRAMOVAY et al, 2005, p. 298).

Os episódios da violência do tráfico em sua grande maioria são presenciados pelos professores e estudantes e a escola teme que estes incorporem a sua vivência o que presenciam nestas ocorrências.

Uma vez eu estava indo para casa, os caras me parou, eu e minha avó, mandou eu abrir os braços e apontou duas armas para a minha cabeça [...] eu pensei que eu ia morrer [...] minha avó correu e entrou na casa da vizinha e disse pra eu correr, ai os caras disseram: correr pra onde?, Eu nem olhei pra trás corri, me joguei em uma ribanceira e me escondi no matagal (Estudante do 7º ano do Ensino Fundamental II).

Segundo Teves (1999, apud GARUTTIS e BEGNOSSI, 2010, p. 204) “os alunos que vivenciam a violência extra-escolar vê a escola, como um lugar diferenciado, com normas, regulamento, linguagem e símbolo próprio, levando o conflito até esse ambiente”.

A comunidade escolar se sente impotente diante desta situação, pois a mesma apresenta-se como refém desta situação, ao pensar que não há uma forma de intervir diretamente na violência que o tráfico propaga no Engenho Velho da Federação.

A violência dentro do ambiente escolar tem se tornado exarcebada e banalizada, seus reflexos vem destruindo o convívio entre os que atuam em seu interior. Situações humilhantes, e por vezes perigosas, tornam o dia- dia escolar uma luta exaustiva e dolorosa, tanto para o corpo docente quanto para os discentes. Estresse, irritações, emoções violentas, pressão, estão presentes em todos os cantos afloroscendo de uma forma assustadora (GARUTTIS e BERGNOSSI, 2010, p. 199).

De acordo com Freitas (2006), as pessoas que vivenciam atos de violência, interiorizam representações do que acontece, os sentimentos, a conduta das vítimas e até mesmo suas reações. A identificação com a vítima e a reapropriação do incidente atuam como mecanismos de base que geram uma sociabilidade insegura e de forma solidária nos situamos antecipadamente como vítimas futuras.

Cada ação concreta de agressão ou violência permite ritualizar uma ameaça, justificando a reprodução do medo e a adoção de medidas de segurança. Mas, paradoxalmente, essas medidas acentuam a insegurança e o medo e provocam novas formas de geri-los, seja na sociedade, seja na escola (FREITAS, 2006, p.104).

Dentro desta perspectiva é impossível negar que as representações da violência têm prejudicado a ação da escola, pois, segundo Bourdieu (1996, pg. 107), as representações consistem em “atos de percepção e apreciação, de conhecimento e reconhecimento, em que os agentes investem seus interesses e pressupostos” as quais são pautadas pela posição que os indivíduos ocupam nas estruturas objetivas do espaço social. Levando-se em consideração que o autor ressalta que não é possível opor realidade e representação, sendo ao contrário necessário incluir no real a representação do real, aliando-se assim as representações da violência confirmando na construção da realidade social.

A violência do tráfico tem proporcionado à comunidade escolar, inúmeras conseqüências, além das sensações de impotência, medo e angústia, ao perceber que as representações da violência adentram o espaço escolar, a comunidade obrigatoriamente ainda convive com a sensação de imobilidade gerada pelo medo dentro do bairro, é o poder do tráfico de drogas, tornando prisioneiros os moradores do bairro e a comunidade escolar.

As pessoas que residem no bairro e principalmente à comunidade escolar ficam submetidas ao controle da ação do tráfico, deixar de circular pelos espaços onde a ação do tráfico é mais intensa apresenta-se como solução para se manter distante dos traficantes e conseqüentemente dos episódios do tráfico.

O confinamento doméstico parece torna-se um dos poucos caminhos encontrado de continuar vivendo na cidade. Em casa [...], se sente protegida dos outros, daqueles que não compartilham o seu sentimento de pertencimento á cidade, que são usurpadores do lugar e a ameaçam pela simples presença (KOURY, 2006, apud CAMPOS, 2008, p. 145).

O impacto que a experiência cotidiana da violência do tráfico tem sobre os professores entrevistados pode ser avaliado neste depoimento de uma professora da Instituição.

[...] me sinto acuada “presa” dentro do meu próprio bairro, a partir do momento que tenho que ter horário de chegada e saída. Perdemos desse jeito a nossa liberdade de ir e vir (Professora do 4º ano do Ensino Fundamental I).

A escola tem sido a todo o momento, bombardeada pelo reflexo da violência do tráfico, os episódios tem sido tão freqüentes que tem afetado a vida diária da instituição, o aprendizado tem sido um dos grandes alvos deste reflexo, ficando desta forma, comprometido.

4.2. Violência e Aprendizado: Uma Combinação Nada Perfeita

A violência que ocorre no entorno da escola tem se constituído como uma das grandes preocupações para a comunidade escolar, visto que esta violência tem sido representada na aprendizagem dos estudantes.

Segundo afirma Garutti e Begnossi (2010, p.198) “Na escola não é diferente, o reflexo da violência estende-se ao ambiente escolar, fazendo com que o ensino e as práticas pedagógicas sejam prejudicados”.

Os reflexos da violência do tráfico têm estado de forma presente no cotidiano dos estudantes e interferindo nas práticas docentes, o fato dessas práticas serem contínuas, permite para que sejam naturalizadas dentro do espaço escolar, neste aspecto Velasquez e Cunha (2008, p. 2) afirmam que “é necessário que perguntemos por que essas práticas crescem e tornam-se habituais e aos poucos naturalizadas.”

A invasão da escola pelos reflexos da violência do tráfico tem afetado o aprendizado dos educandos. Muitos estudantes por conta dos episódios de violência gerada pelos conflitos entre os traficantes deixam de freqüentar a escola, pois se sentem ameaçados, apresentando-se a qualquer momento como vítimas desta violência.

A violência do tráfico contribui para a baixa freqüência dos estudantes na escola, esta ausência dos estudantes na instituição possibilita um rendimento não satisfatório comprometendo assim o ano letivo e a formação desses estudantes, pois à medida que os alunos deixam de freqüentar a escola, estes acabam perdendo os conteúdos dados pelos professores, avaliações e o mais importante o desenvolvimento de valores imprescindíveis para a vida social. A violência apresenta efeitos diretos e indiretos no aprendizado dos estudantes, segundo afirma Gomes et al (2006, p. 11):

Não cabe negar, contudo, os seus efeitos diretos e indiretos sobre a freqüência, o aproveitamento do tempo letivo, o rendimento escolar e a própria capacidade de o processo educativo transmitir valores e formar cidadãos capazes de conviver e resolver pacificamente as suas divergências.

De acordo com a maioria dos professores da instituição, a violência que ocorre no bairro intervém no aprendizado dos educandos, pois os alunos trazem para a escola muito do que eles presenciaram e vivem em sua comunidade. Segundo os docentes, a ideologia do tráfico que circunda a escola compromete o aprendizado dos estudantes, pois os ideais que o tráfico de drogas oferece, faz com que os alunos percebam a vida do tráfico como uma maneira fácil de adquirir os bens materiais que tanto almejam, relegando assim os estudos a um segundo plano, pelo fato de não perceber um motivo plausível para continuar estudando.

Segundo Silva e Salles (2008, p.5), “a violência simbólica perpetrada pelas escolas faz com que as representações ou as idéias sociais dominantes sejam aceitas sem questionamentos.”

A interferência da violência do tráfico no aprendizado dos estudantes é perceptível a partir dos depoimentos de alguns professores.

De certa forma a violência que ocorre no entorno da escola interfere no aprendizado dos alunos, pois o aluno passa a ter uma visão diferente trazendo na sua idéia um futuro promissor achando que através da violência ele detém o poder e passa a distanciar dos assuntos trabalhados na escola (Professora do 4º ano do Ensino Fundamental I).

A violência interfere no aprendizado dos alunos, pois infelizmente o psicológico é afetado, através dos ideais que o mundo das drogas oferece (Professora do 2º ano do Fundamental I).

Segundo Abramovay (2007), alunos que vivem em situações de violência, demonstram dificuldade para se concentrar durante as aulas e tem como característica o nervosismo pelo fato de presenciarem e/ ou até mesmo vivenciar atos violentos.

A violência que ocorre no entorno da escola interfere no aprendizado dos alunos, por que eles perdem a concentração pois o foco iminente é o acontecido recente (Diretora da Escola).

Os professores afirmam que o reflexo da violência interfere no aprendizado dos alunos principalmente quando ocorrem os episódios de violência na comunidade, pois os alunos chegam à escola com medo, nervosos, relatando os episódios que presenciaram. Durante as aulas perdem a concentração e ficam apavorados. Os conteúdos que deveriam ser aplicados pelos professores perdem o seu significado e as conversas paralelas entre os estudantes relatando os acontecimentos passa ser o tema central.

A violência do tráfico passa a ser o assunto principal em conversas e até mesmo em atividades realizadas em sala de aula, segundo afirma alguns professores:

Percebo o quanto os alunos ficam apreensivos quando acontece um tiroteio ou algo parecido. A maioria deles acabam falando o dia inteiro sobre o ocorrido, desviando a atenção que deveria ser destinada ao que está sendo ensinado em sala de aula (Professora da Educação Infantil- Grupo 5).

A violência interfere no aprendizado quando pedimos para os alunos fazerem um desenho, e no desenho retratam o tráfico, quando em uma conversa em sala falando sobre tolerância dizem “inimigo temos que passar por cima mesmo, matar logo” (Professor do 7º ano do Ensino Fundamental II).

Como afirma Silva e Salles (2008, p.2), “[...] a violência pode se manifestar por meio de [...] signos, preconceitos, metáforas, desenhos, ou por qualquer coisa que possa ser interpretada como ameaça ou intimidação”.

A chegada dos alunos mais tarde na escola, a ausência destes e a liberação mais cedo devido aos conflitos entre traficantes no bairro se caracteriza como um dos elementos principais de interferência no aprendizado dos alunos, segundo afirma uma professora:

Quando coloco que o planejamento é alterado, a medida que as crianças retornam para suas casas fora do horário, significa adiamento de plano de aula e isso compromete o tempo de trabalho e conseqüentemente o aprendizado.

Certa vez, uma criança da Educação Infantil levou quinze dias afastada da escola, após ter ocorrido um episódio com morte de três traficantes nas proximidades da escola. Esta criança ao retornar para casa com a sua mãe presenciou a cena lastimável de corpos no chão, marcas de sangue, carros e sirenes, armas, policiais e uma multidão de curiosos, fato que a deixou em choque. Como não haver interferência no aprendizado? (Professora da Educação Infantil-Grupo 4).

Os professores enquanto atores sociais exercem uma enorme função não somente nos processos educativos dentro das escolas, mas principalmente fora da escola, como afirma Marrafa e Ferreira (2008, p.5) “Os docentes além de exercer sua função pedagógica, exerce também a função de pára-raios e amortecedora de choques sociais [...]”.

Segundo os estudantes, apesar deles deixarem de ir para a escola, chegarem mais tarde, irem para casa mais cedo e conversarem sobre os episódios de violência durante as aulas, os mesmos não percebem estes aspectos como algo que venha interferir no aprendizado, pois a violência e seus reflexos dentro da instituição já se transformaram em algo comum, normal em seu cotidiano. De acordo com Garutti e Begnossi (2010, p. 203), “a violência compromete o desenvolvimento do aluno, que vivendo no meio da violência acaba achando que isso é uma coisa normal e não tem pudores de demonstrar sua agressividade”.

Nesta mesma perspectiva Silva e Salles afirmam:

Fala-se também com muita facilidade sobre a morte e de acontecimentos que culminaram em assassinatos. Talvez se fale mais do que corresponderia à violência realmente existente, mas que mesmo assim é um indicativo da banalização da violência (SILVA e SALLES 2008, p. 12).

Além do aprendizado se constituir como um dos aspectos afetados pela violência gerada pelo tráfico de drogas, os estudantes trazem para dentro da escola representações da violência em seu comportamento.

A violência do tráfico apresenta-se como uma ameaça ao aprendizado dos estudantes e a ação pedagógica. Professores e educandos convivem em um espaço em que cada dia mais tem se desestruturado por causa da violência. Neste aspecto a comunidade escolar percebe-se como refém de situações que escapam o seu controle.

4.3. Comportamentos: Representando o que é Vivido Fora da Escola

As representações da violência que ocorre no bairro aparecem na escola nas condutas agressivas dos estudantes, no desrespeito ao colega de sala e ao professor. É perceptível através da quebra dos princípios de boa maneira e a ordem que é estabelecida pela instituição.

Segundo Loureiro (1999, p. 54), “transgressão e agressividade são dimensões da violência a se analisar no comportamento individual e coletivo nas escolas.”

De acordo com os professores da instituição, os estudantes apresentam comportamentos agressivos na maneira de se dirigir aos colegas e aos professores, encontra-se em constantes conflitos por motivos banais, como o empréstimo de materiais escolares, por um colega olhar de cara feia ou não poder participar de certo grupo na realização de atividades. Alguns professores afirmam que as maneiras como os estudantes se comportam dentro da escola está intimamente relacionado com a vivência e a forma como agem fora da escola.

A convivência dos estudantes com os pais, principalmente os que vivem no mundo do crime, envolvidos com o tráfico de drogas, ou mesmo com os traficantes que residem na comunidade, faz com que muitos representem o que presenciam dentro de sua casa, no bairro, ou mesmo na rua. Utiliza as representações da lei do mais forte, a imposição pelo autoritarismo. Os professores acreditam que quando os alunos já não nascem com o comportamento violento, estes adquirem com a convivência nos mais diversos espaços. “Há evidências de que o comportamento violento é uma função da relação do jovem com o seu meio” (LEWIN 1965, apud GOMES, 2004, p. 97).

Neste contexto afirma Gomes (2004, p. 97),

pode-se, portanto dizer que a representação da violência e o comportamento violento dos adolescentes são construídos e identificados tanto a partir das suas tendências psicológicas, como de suas vivências, assim como através de suas relações com seu contexto familiar, escolar e social mais amplo a das influências dos condicionantes socioeconômicos, políticos e ideológicos [...].

Os reflexos da violência do tráfico apresentam-se na forma de falar, pensar, agir e até andar. Os estudantes muitas vezes reproduzem atos e ações que foram presenciadas, em episódios da violência do tráfico, a caminho da escola. O uso de gírias na comunicação entre os colegas e professores, a maneira de andar com malícia e as brincadeiras durante as aulas e principalmente no momento do intervalo para o lanche trazem em sua composição reflexos da violência.

Na escola muitas vezes, os alunos são vistos com descrédito pelos professores, são percebidos como um “corpo estranho” dentro da comunidade escolar por trazer para dentro da escola, uma linguagem e comportamentos observados e vivenciados no ambiente onde vivem.

Nesta perspectiva, afirma Soares (2006, apud RUOTTI, 2010, p. 342),

A violência longe de ser uma manifestação de irracionalidade remete a um padrão, a uma linguagem, a uma maneira de organizar a experiência da sociabilidade, a certa modulação da cultura que ordena as disposições subjetivas e os comportamentos, os processos de sociabilização e reprodução dessa linguagem precisam ser investigados e descritos.

As culturas plurais existentes, de acordo com Scriptori (2008), enfrentam um imenso abismo entre a sociedade e a instituição escola, pois ambas já não apresentam a mesma linguagem.

Durante o intervalo, os estudantes sempre escolhem uma brincadeira e como é de comum acordo entre eles, escolhem a brincadeira conhecida como polícia e ladrão, onde escolhem os personagens e os interpretam. Os alunos em sua maioria escolhem ser traficantes e simulam os confrontos com a polícia, a ação

da troca de tiros e o momento quando os traficantes são alvejados e agonizavam no chão, na maioria das vezes os traficantes saem como vencedores, torturam e eliminam os que interpretam o papel de policiais. Na concepção dos estudantes o traficante é visto como super-herói, o que justificava a escolha na hora da brincadeira.

Os depoimentos abaixo afirmam o quanto os reflexos da violência do tráfico são representados no comportamento dos estudantes.

Isso pode ser percebido até nas próprias brincadeiras que eles desenvolvem (principalmente nos intervalos). Construção de armas de papel, encenações de situações em que a violência está inserida, a maneira de andar e de falar da “malandragem” são alguns dos comportamentos que percebo (Professora do Ensino Fundamental I e II).

Na relação que os alunos estabelecem com os outros colegas em classe. A agressividade presente nas falas, as gírias e as formas de pensar sobre o mundo ao seu redor apresentam influências desta violência, além das brincadeiras agressivas durante o intervalo (Professora do 7º ano do Ensino Fundamental II).

O aluno A, no início do ano letivo, apresentava um comportamento tranquilo. Era uma criança alegre, comunicativa, com boa oralidade, que interagiu e se socializou facilmente com o grupo. Contudo, após presenciar dois episódios de violência, em que ambos findaram em mortes, o seu comportamento foi completamente transformado. No primeiro episódio, ele ficou entre “fogo cruzado”, pois o incidente aconteceu dentro da lanchonete alugada por sua mãe. No momento, o rapaz alvo do tráfico estava sentado bem na frente da lanchonete, e no ato de fuga procurou abrigo neste estabelecimento, pondo em risco a vida de outras pessoas. O aluno A ficou em estado de choque. Passou a ficar muito calado, assustado e não tocava no assunto. Com pouco tempo, em torno de dois meses, a tragédia ocorreu com uma pessoa de sua família que ele tinha muita estima. Esta pessoa era militar e eles voltavam de um passeio em um período de feriado. Desta vez, o seu comportamento transgrediu para a agressividade. Tinha medo de qualquer forma de barulho, de ficar sozinho, chorava e gritava muito. Foi preciso realizar um trabalho intenso entre eu e a família, além de acompanhamento psicológico (Professora da Educação Infantil- Grupo 4).

Enquanto para alguns alunos, os traficantes geram medo e insegurança para outros, os traficantes são visto como um “deus”, quando estes realizam ações consideradas positivas para a comunidade, como, por exemplo, assalto a mercados e distribuição do que foi saqueado para as famílias que passam necessidade. O olhar de veneração que se tem sobre esses traficantes sobrepõe as ações violentas exercidas por eles.

De acordo com Silva e Salles (2008, p.12),

[...] os discursos de alguns alunos e as normas de conduta que expressam assemelham-se ao de narcotraficantes. [...] essas falas apontam que estes grupos podem vir a constituírem-se em um grupo de referência. E, como referências proporcionam uma identidade respeitável para os jovens podendo, inclusive, provocar medo nos demais (na escola, no bairro, outros jovens, etc.).

A interação existente entre os alunos, muitas vezes acontece de forma perversa, estabelecida pelo medo, pela imposição do mais forte. Há uma relação competitiva, onde o mais forte sempre leva vantagem. “Quando a comunidade é violenta, isso influi no comportamento dos alunos trazendo para dentro da escola a lei do mais forte, aquela que predomina na rua” (ABRAMOVAY, 2005, p. 275).

A violência entre os próprios alunos - violência na escola - relaciona-se as normas de interação que são determinadas e compartilhadas pelo grupo social mais amplo a que pertencem. As relações que estabelecem com os seus pares são altamente competitivas. Os jovens competem entre si por prestígio, honra e respeito. Ganhar o respeito significa estar por cima e ter os outros “embaixo” (SILVA e SALLES, 2008, p.7).

Conforme afirma Zaluar e Leal (2001, p.155), “são particularmente trágicas as menções a práticas e aprendizagens de violência que se referem aos códigos coercitivos que afirmam que vence o mais forte, enquanto os outros vivem discriminados e com medo”.

A influência da violência do tráfico no comportamento dos estudantes compromete as relações intra e interpessoais dentro e fora da escola.

A violência pode comprometer o desenvolvimento da criatividade, autonomia, independência, confiança e empatia, dificultando o estabelecimento de relações intra e interpessoais saudáveis. Dessa forma, a violência é um grave problema social e de saúde necessitando de intervenções eficazes (KOLLER, 2004, apud GARUTTI, 2010, p. 197).

Conforme afirma Velasquez e Cunha (2008, p.1),

É pertinente destacarmos que a sociedade, a qual vivemos, enfrenta crises em suas novas morfologias sociais e essas, também, atingem a instituição escolar, seus sujeitos e as relações implicadas entre ambos, principalmente, as relações interpessoais que se referem aos educadores/as e aos educandos/as.

De acordo com alguns professores a violência do tráfico também interfere no comportamento dos estudantes a partir do momento em que eles vivem constantemente inseguros e com medo, além de se tornarem intolerantes diante dos conflitos entre os colegas, tentando resolver os problemas com violência e demonstrando frieza frente aos episódios de violência dentro e fora da escola.

A violência no entorno da escola reflete no comportamento dos estudantes, pois eles se tornam agressivos, medrosos, intolerantes e inseguros (Professora do 1º ano do Ensino Fundamental).

Interfere de duas formas: na atitude agressiva de alguns e na frieza referente a fatos violentos de outros, que se acostuma com a violência (Professor do 7º ano do Ensino Fundamental II).

A comunidade escolar se depara com um imenso desafio, a busca por novas formas de mecanismos para intervir os reflexos da violência do tráfico dentro da instituição, pois mesmo a educação moral, segundo afirma Zaluar e Leal (2001), não tem sido suficiente para impedir que os códigos e práticas de violência que dominam os espaços sociais seja ele a comunidade, o bairro ou até mesmo a rua, venham invadir a escola.

A ESCOLA EM AÇÃO: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PELA REDUÇÃO DOS REFLEXOS DA VIOLÊNCIA DO TRÁFICO

A compreensão de como a violência que ocorre no entorno da escola adentra o espaço escolar e de que forma esses reflexos interferem na vida profissional e social da comunidade escolar, faz com que diante das inúmeras problemáticas vivenciadas pelos professores, estudantes e a própria direção, seja repensada uma nova proposta pedagógica, como forma de reverter e/ou até mesmo reduzir os reflexos da violência do tráfico dentro da instituição, visto que a mesma se depara com o impasse de assistir seus objetivos tanto educacionais, quanto formativos deixando de ser concretizados.

De acordo com Velasquez e Cunha (2008, p. 2),

a sociedade contemporânea traz novas morfologias sociais e com elas novas relações interpessoais. A escola não foge a essa metamorfose, cabendo-lhe uma profunda reflexão em seus objetivos educacionais e formativos do sujeito da educação.

Interpretar as modificações que ocorrem dentro da escola, como sendo fruto da relação externa que a instituição estabelece com seus sujeitos, é imprescindível, mas para que a comunidade escolar compreenda e busque maneiras de intervenção é necessário que haja uma aproximação entre a cultura que se apresenta para além dos muros escolares, reavaliando a interação existente entre cultura inter e externa a escola, para que a partir daí possam entender o ambiente cultural dos sujeitos que adentram o seu espaço. Pois conforme Julia (2001, apud VELASQUEZ e CUNHA, 2008, p.6),

é pertinente que a escola com sua cultura própria aproxime-se da cultura fora de seus muros institucionais, ouvindo vozes diversificadas de seus sujeitos. A cultura na escola tem a finalidade que lhe é peculiar e pode ser entendida como conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses

conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas.

Muitas vezes a instituição escolar ignora a cultura dos estudantes, somente a cultura escolar é válida não havendo assim uma compreensão do que leva os educandos a adquirirem maneiras de se comunicar, se comportar e agir diante de algumas situações, formas estas consideradas inadequadas pela escola e generalizada como indisciplina.

Atualmente percebe-se que a educação como um todo ficou destinada a escola, e o que antes era papel da família educar para a vida social passou a ser direcionado a instituição, desta forma ficou ainda mais difícil intervir nos reflexos da violência, sem que haja uma participação efetiva da família na escola.

De acordo com Medeiros (2004, apud GARUTTI e BEGNOSSI, 2010, p.200),

a escola, além de ensinar o conhecimento sistematizado, assume a responsabilidade de desenvolver as habilidades sociais que eram consideradas a cargo da família, transferiu-se para a escola, o que antes era responsabilidade dos pais, o dever de educar socialmente para o convívio e o respeito mútuo.

De acordo com alguns professores, a ausência da família dificulta muito a realização de intervenções mais profícuas na influência da violência do tráfico dentro da escola, pois segundo eles, muitos pais não acreditam nos relatos feitos pelos professores sobre os seus filhos quanto ao comportamento dentro da escola, a maneira de pensar e enxergar o mundo das drogas e do tráfico. Muitos pais ignoram o fato de seu filho fazer parte do tráfico de drogas ou manter qualquer relação com pessoas envolvidas, e tratam com descaso a interferência desta problemática no aprendizado dos estudantes.

Ao olhar dos pais dos estudantes, as dificuldades no aprendizado estão intimamente relacionadas com o que acontece dentro da escola, sendo que não há

nenhuma interferência com espaço externo a escola. “Não podemos dizer que isso é apenas culpa do corpo docente e discente, já que o que acontece dentro da escola é considerado reflexos da sociedade [...]. O reflexo da violência atinge todos os lugares e evidentemente a escola é um deles” (GARUTTI e BEGNOSSI, 2010, p. 206).

Apesar da distancia entre a escola e família, a comunidade escolar acredita que uma das formas de intervenção nos reflexos da violência seria a participação constante da família na escola, por isso a instituição, busca sempre trazer para a escola os pais dos estudantes através de palestras, reuniões e eventos educativos, como afirmam:

Diante da extrema situação de violência que atinge toda a sociedade, a escola procurou colocar em pauta nas reuniões pedagógicas o tema em questão. Buscou uma forma de socializar todos os casos de violência ocorridos dentro da escola, na tentativa de analisar o problema em conjunto e elaborar algumas ações. A escola orienta que tenhamos um olhar apurado para verificar qualquer forma de comportamento que possa comprometer a harmonia da instituição e então intervir a partir do diálogo entre a coordenação, aluno e a família. Adota também algumas medidas de prevenção, como horário diferenciado para os grupos no momento do recreio (Professora da Educação Infantil- Grupo 4).

Acredito que os debates, os projetos, as palestras, a conscientização que a escola promove tenta reduzir os reflexos da violência e acredito que para alguém isso está servindo (Professora do Ensino Fundamental I e II).

Como forma de atuar nos reflexos da violência na escola, trabalhamos com reuniões e nela levamos materiais informativos. Os nossos projetos têm um papel educativo (Diretora da escola.)

A escola como forma de interferir na influencia da violência no espaço escolar, conta também com o acompanhamento da coordenação e orientação dos professores prestada aos alunos, e acredita que a inserção da disciplina ética e cidadania no currículo escolar contribuam para amenizar seus efeitos.

De acordo com alguns professores há um diálogo com os alunos, no que se refere à violência que ocorre no bairro, mas somente quando ocorrem episódios de violência na comunidade. Os eventos ocorridos no bairro motivam a instituição a se pronunciar na possibilidade de abordar a temática violência dentro da escola, trazendo a realidade dos estudantes para ser discutida e trabalhada em sala de aula, mas aos poucos os eventos de violência vão sendo esquecidos e o foco central passa a ser os conteúdos, esquecendo assim a possibilidade de se pensar em uma forma de prevenção desses reflexos, não como instituição educacional isolada, mas agindo conjuntamente com outros órgãos e instituições.

Nós conversamos abertamente com os alunos sobre as questões de violência no bairro, mas até então, não temos criado nenhuma medida preventiva ou que ataque o problema diretamente (Professora do 4º ano do Ensino Fundamental).

Neste contexto Garutti e Begnossi (2010, p.205), afirma que “não apenas a sociedade e a comunidade escolar, mas os órgãos públicos também são essenciais na luta contra a violência escolar”. Dentro desta abordagem os professores apóiam e acreditam na implantação de políticas públicas que visem o resgate de crianças e jovens que se encontram envolvidos seja de forma direta ou indiretamente com a violência perpetuada pelo tráfico de drogas.

Acredito que o problema da violencia seria resolvido com a implantação de trabalhos comunitários, cursos profissionalizantes, mais vagas para o primeiro emprego, ocupação dos jovens em atividades que possam retirá-los da rua. (Professora do 2º ano do Ensino Fundamental I)

Infelizmente a violência que ocorre no entorno da escola, tem se constituído como violência escolar, apresentando-se atualmente como parte da escola como instituição social. Esta violência segundo Itani (1998) tem se tornado presente no cotidiano dos agentes educativos e dos estudantes e isto acontece e é notório em virtude da existência da desigualdade social que perdura entre alguns grupos da nossa sociedade.

Neste aspecto é necessário quando se pensar em violência para além dos muros escolares, compreenderem a relação existente entre comunidade e escola a qual pertence, se pensar na comunidade escolar como agentes que não se encontram isolados, mas sim envolvidos e cercados pelos atos de violência que adentram a escola com suas representações.

Sendo a escola uma instituição social apresentando-se no contexto da violência urbana, estando constantemente sendo “bombardeada” pelos reflexos da violência do tráfico de drogas, com a comunidade escolar atuando como conivente diante desta problemática faz com que o papel que se atribui a escola e sua função esteja envolvido em uma relação dicotômica.

Dentro desta perspectiva Velasquez e Cunha (2008) afirmam que as possibilidades da construção humana, ainda se encontram representadas na escola, visto que as relações que se concretizam entre as pessoas no espaço escolar significam a formação de valores, a construção de linguagens e sentimentos que não podem ser esquecidos e nem muito menos perdidos de vista na dimensão educacional.

O que não podemos é perder a dimensão da humanização no contexto escolar, enquanto a instituição socializadora, que deve possibilitar a meninos e meninas constituírem-se humanos e descobrir o desafio da existência (VELASQUEZ e CUNHA, 2008, p. 8).

Estando a instituição escolar distanciando-se da dimensão humanizadora, neste contexto Neura (2008, p. 5), afirma:

Sentimos a incerteza dessas crianças e jovens em relação ao futuro, uma incerteza que traz o risco de apagar sonhos e adormecer capacidades, disponibilidade e criatividade. Sentimos também seu desejo de vida, de esperança e de dias melhores para si e sua família.

É imprescindível que a escola não perca sua função socializadora, para que os sonhos, desejos e ideais dos estudantes continuem intensos na perspectiva de viver em um cotidiano, onde a violência não seja parte complementar no processo humanizador.

Neste aspecto Dupret (2002) aponta como importante mecanismo humanizador, a construção da cultura de paz como soluções que advém de dentro da sociedade, visto que esta tem constituído a violência como parte que integra o ser social. A cultura de paz implica o descaso não só individual, mas também coletivo da violência e permite que não somente a comunidade escolar, mas a sociedade como um todo adote e compreenda princípios de igualdade, justiça, respeito pela liberdade, direitos humanos e principalmente a tolerância.

A cultura de paz está pautada em valores humanos que precisam ser colocados em prática, a fim de passarem do estado de intenção para o exercício da ação, transformando-se, concretamente, em atos. Tais valores, que se traduzem em éticos, morais e estéticos, nos encaminham para o despertar de expressões de amor e manifestações de respeito, que tem estado adormecidas, nos últimos tempos (DRUPET, 2002, p. 2).

A inserção da cultura de paz na proposta pedagógica da escola constitui-se como um instrumento modificador das ações e reflexos da violência do tráfico. A possibilidade de inserir não só a cultura de paz, mas a cultura da não-violência na instituição escolar também atuaria como instrumento na redução dos reflexos da violência do tráfico, visto que a cultura da não- violência, apesar de ser diferente da cultura de paz, apresenta elementos importantes no processo de formação social do indivíduo e possui os mesmos propósitos do combate a violência, conforme aponta Gomes (2004, p. 104):

Progressivamente, sugere-se, na atualidade não mais intervenções para a cultura de paz, mas o incentivo á cultura da não violência, que é significativamente diferente enquanto processo formador de novas atitudes. Trata-se, igualmente, de um processo educacional, em que a formação e a informação levem a comportamentos éticos e morais, á não aceitação da violência como prática de resolução de conflitos e a reflexão sistemática sobre a relação entre meios e fins, para que

possa alcançar o bem estar pessoal e social e a melhoria da qualidade de vida das populações.

Para que a instituição escolar venha por em prática a cultura de paz ou a cultura de não- violência é necessário que os professores repensem sua prática pedagógica, entendendo que a abordagem da violência do tráfico dentro da escola não deve se restringir somente quando ocorre os episódios de violência do tráfico no bairro, nem exclusivamente no entorno da escola, pois apesar destes episódios ocorrerem distante da escola, não se pode negar que a violência urbana está presente em nossa sociedade, que o tráfico de drogas compõe o cotidiano social e que as representações deste dentro das salas de aula, nos corredores, no pátio, na entrada e saída da escola é latente.

Neste contexto Perrenoud (2001, Garutti e Begnossi, 2010, p. 201) assegura que “é impossível preparar-se detalhadamente para tudo o que pode acontecer em sala de aula”.

A profissão de educador é uma área muito sensível as implicações sociais, éticas e ideológicas. A atividade educativa é complexa e está em reconstrução permanente. É preciso desenvolver a profissionalização dos docentes de forma continuada para que esses sintam-se seguros e atuem de forma coerente com suas competências (GARUTTI E BEGNOSSI, 2010, p. 205-206).

A instituição escolar ao longo do seu processo histórico sempre conviveu com inúmeros problemas que abrangem desde a estrutura física até o aspecto pedagógico. A violência apresenta-se como mais um dos problemas que se soma aos demais e que requer a mesma importância para solucioná-lo, pois segundo Ruotti (2010) precisamos reconhecer que a violência acaba transformando a escola em um câncer dentro da comunidade.

Muitas vezes por a instituição apresentar muitos problemas, a mesma não consegue solucioná-los por completo e nem mesmo prioriza os mais emergentes, busca-se sempre apontar os culpados, neste caso os estudantes, e a escola acaba se eximindo da responsabilidade.

A instituição escolar, diante dos desafios atuais não pode se eximir de agir na promoção de relações mais respeitadas, culpar somente os alunos pelas várias manifestações de violência no ambiente escolar não soluciona o problema. Respeitar o outro também constitui um processo de aprendizagem, e a escola pode e deve ser um espaço privilegiado para tal fim (RUOTTI, 2010, p. 354).

Infelizmente ainda não encontramos segundo Garutti e Begnossi (2010), medidas ou soluções mágicas para solucionar os problemas da escola, principalmente o problema da violência. Fazer com que a comunidade escolar aprenda a viver e cooperar com a sociedade, ainda compõe um grande desafio. Enquanto não encontramos uma maneira célere para solucionar este problema, não podemos perder de vista que cada indivíduo pode fazer a sua parte.

“um dos primeiros passos na promoção da paz, refere-se á gestão de conflitos, ou seja, prevenir os conflitos potencialmente violentos e reconstruir a confiança entre pessoas emergentes de situação de guerra é um dos exemplos mais comuns a serem considerados” (DUPRET, 2002, p. 2).

5.1. Localização e Descrição da Escola

A escola, a qual foi realizada a pesquisa, está situada no bairro Engenho Velho da Federação na cidade de Salvador, Estado da Bahia.

O Bairro Engenho Velho da Federação e região, tem uma população de aproximadamente 80.000 habitantes segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Constituído em sua grande maioria por uma população jovem e negra, o bairro também conhecido como quilombo urbano mantém viva e preserva a cultura negra. Recentemente o bairro foi reconhecido como comunidade de resistência negra na cidade de Salvador e está limitada pelas Avenidas Vasco

da Gama, Anita Garibaldi e Cardeal da Silva e em suas margens encontram-se os bairros Federação, Engenho Velho de Brotas, Horto Florestal e Ondina.

A população que reside no bairro possui baixa condição econômica, sendo considerada população de baixa renda. O bairro é assistido pela Paróquia de Santa Cruz e pelos terreiros de candomblé e tem como principal avenida a Rua Apolinário Santana.

O bairro Engenho Velho da Federação, é um dos bairros da capital baiana com altos índices de violência urbana. A população sofre constantemente com as ações do tráfico de drogas. Várias vidas já foram ceifadas, em sua grande maioria, jovens que estão envolvidos com o tráfico de drogas. O conflito entre os traficantes por pontos de venda de drogas vem desestruturando famílias e tirando o sossego das pessoas que residem e trafegam pelo bairro.

A comunidade do Engenho Velho da Federação é considerada como uma das mais perigosas de Salvador, pois a violência do tráfico faz pairar a insegurança sobre a região. A violência segundo os moradores começou na década de 1980 e intensificou-se nos últimos três anos, principalmente nas localidades da Baixa da Égua, Forno, Lajinha e Vale da Muriçoca, comunidades que estão no entorno do bairro e que vivem em constantes conflitos.

A escola a qual foi realizada a pesquisa trata-se de uma instituição privada e atende estudantes da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I e II, que residem no bairro Engenho Velho da Federação e adjacências.

Atualmente possui dois prédios, o prédio principal que funciona pela manhã atendendo a três turmas do Ensino Fundamental I e a tarde atende a cinco turmas da Educação Infantil. O prédio anexo funciona pela manhã atendendo a duas turmas do Ensino Fundamental I e duas turmas do Ensino Fundamental II e a tarde funciona atendendo somente três turmas do Ensino Fundamental I.

A instituição dispõe no total de um laboratório de informática, uma biblioteca, 2 secretarias, 7 banheiros e 10 salas de aula. O prédio principal atende a 115 alunos da Educação Infantil e 50 alunos do Ensino Fundamental I e o prédio anexo atende a 91 alunos do Fundamental I e 29 alunos do Ensino Fundamental II. Em seu quadro de funcionário, a instituição dispõe de 16 professores, 2 auxiliares de

classe, 2 responsáveis pela direção, 2 funcionários de limpeza, e 1 responsável pela coordenação.

5.2. Metodologia da Pesquisa

Para a realização da pesquisa foi utilizado como método o estudo de caso em uma escola da rede privada, que está situada no bairro Engenho Velho da Federação.

Chizzotti, em sua obra *Pesquisas em ciências humanas e sociais* (1991), caracteriza o estudo de caso como uma modalidade de estudo nas ciências sociais, que se volta á coleta e ao registro de informações sobre um ou vários casos particularizados, elaborando relatórios críticos organizados e avaliados, dando margem a decisões e intervenções sobre o objeto escolhido para a investigação (uma comunidade, uma organização, uma empresa etc.).

A abordagem do problema foi realizada de forma quantitativa e qualitativa, essa escolha deve-se a importância da mesma para analisar a representação da violência gerada pelo tráfico de drogas na instituição escolhida, visto que esta pesquisa investigou a fala segundo a perspectiva daquele que a sente, que está inserido na comunidade escolar enfrentando e convivendo com situações adversas direta ou indiretamente. Trata-se da palavra dos professores, educandos, e da direção da escola.

Os dados coletados foram de uma escola da rede privada de Salvador. A escola localiza-se em um bairro popular, Engenho Velho da Federação e funciona nos turnos matutino e vespertino.

Foram sujeitos da pesquisa 21 estudantes que se encontram no 5º ano do Ensino Fundamental I e 9 estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental II, ambos do turno matutino, 11 professores e a diretora da escola.

As escolhas dos estudantes do 5º e 7º ano foram motivadas pela intensidade do problema apresentar-se mais visíveis nas crianças e adolescentes na faixa 9 a 15 anos que compõe as turmas do Ensino Fundamental.

Como instrumento de coleta de dados nesta pesquisa foi utilizado à aplicação de questionários aos professores, a direção da escola e aos estudantes, seguido de diálogo com alguns professores e grupo focal com alguns estudantes.

O diálogo realizado com os professores teve como finalidade esclarecer alguns pontos abordados no questionário e verificar como o problema em questão atinge aos professores, aos educandos e a direção da escola. Os questionários coletivos foram realizados com os estudantes da instituição e teve como finalidade estimulá-los a falar e a opinar de maneira espontânea sobre os reflexos da violência gerada pelo tráfico de drogas, na aprendizagem, no comportamento dentro da escola, e outros temas tratados no questionário.

Os questionários e grupo focal foram realizados na própria escola no período em que os alunos estudam, e o diálogo com os professores foram realizados no término das aulas. Os professores disponibilizaram o horário da aula para que fossem aplicados os questionários. O diálogo com os professores e os estudantes foi gravado e depois de gravado, os depoimentos foram transcritos integralmente e, em seguida, analisados e agrupados junto com as respostas dos questionários compondo unidades temáticas para subsidiar a análise dos dados.

5.3. Dados da pesquisa

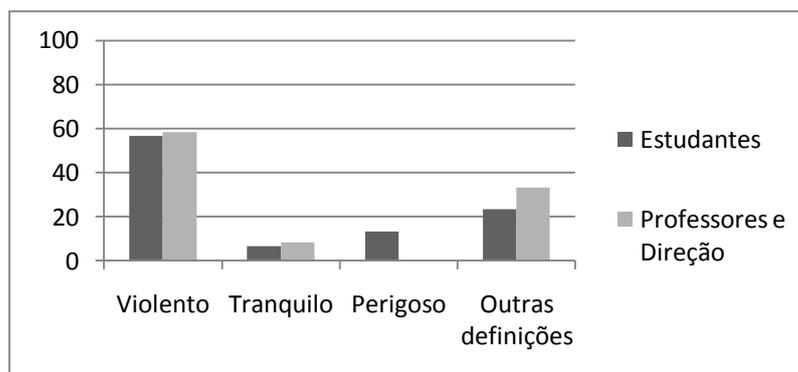
A pesquisa centrou-se nas relações entre a escola e os reflexos da violência do tráfico de drogas que ocorre nas mediações da instituição, como esses reflexos interferem no aspecto psicológico, material, comportamental e na aprendizagem dos estudantes, na vida pessoal e profissional dos professores e da direção escolar e como a escola lida com esta problemática.

A investigação foi realizada em uma escola da rede privada, situada no bairro do Engenho Velho da Federação, no município de Salvador, Bahia. Nessa escola foram realizados 30 questionários, aplicados a 21 estudantes do quinto ano do Ensino Fundamental I e 9 estudantes do sétimo ano do Ensino Fundamental II.

Colaboraram respondendo à pesquisa 11 professores e a diretora da escola. A amostra selecionada corresponde a 15,5% dos sujeitos que constitui a comunidade escolar.

O gráfico abaixo apresenta a distribuição em percentual de relatos de como professores, direção e estudantes avalia o bairro onde situa a escola. Observa-se que a avaliação do bairro como violento é de 56,6%, de acordo com os estudantes entrevistados, e de 58,3% de acordo com os professores e a direção. Segundo os relatos sobre as definições do bairro, 6,6% dos estudantes e 8,3% dos professores o consideram tranquilo, e 13,3% dos estudantes consideram-no perigoso. De acordo com 56,6% da comunidade escolar, o bairro também se enquadra em outras definições como rico culturalmente, humilde e até mesmo carente.

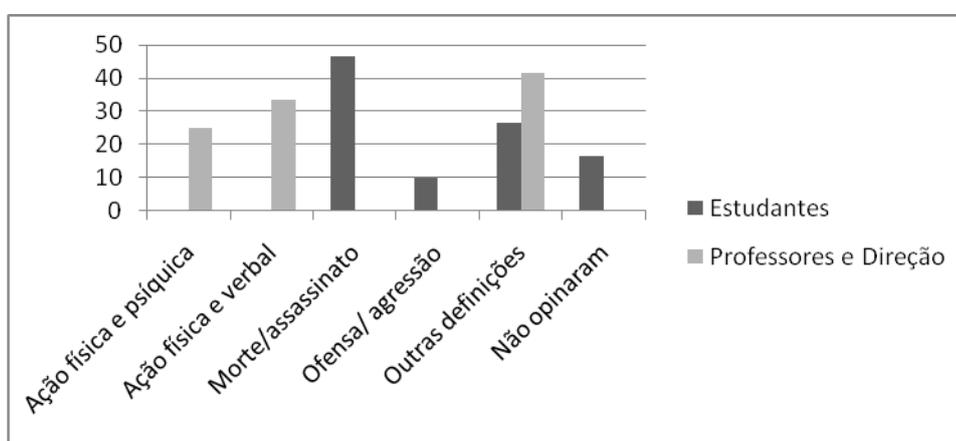
Gráfico 01
Avaliação do Bairro onde Situa a Escola



A pesquisa identificou, a partir das respostas dos entrevistados da escola comuns à pergunta “o que você entende por violência?”, a compreensão da violência por 25% dos professores como sendo uma ação física e psíquica, ou mesmo uma ação física e verbal considerada por 33,3% dos professores e direção da escola, justificado pelo fato de ser mais comum e visível a todos. Já 41,6% dos professores apresentam outra concepção de violência, entendendo como uma ação ou reação que fere os princípios morais, considerada não só como danos físicos, psicológicos e morais, mais também financeiros.

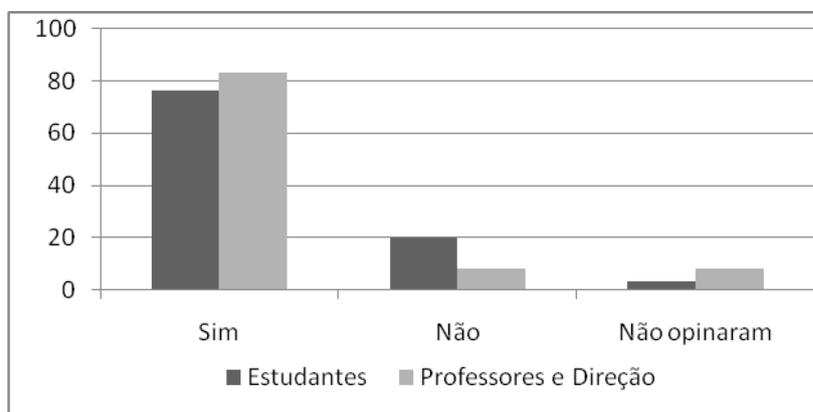
Dos estudantes entrevistados 46,6% compreende a violência como ação que envolve morte e/ ou assassinato, 10% entendem a violência como ofensa e agressão física, 26,6% apresentam outra concepção de violência que envolve drogas (6,6%), brigas (3,3%), conflito e ato de espancar (13,3%) e até mesmo o Bullying (3,3%) e 16,6% não souberam defini-la.

Gráfico 02
Concepções sobre Violência



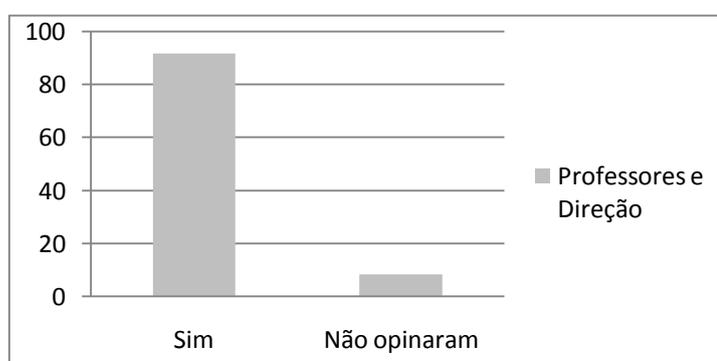
A ocorrência da violência do tráfico de drogas no entorno da escola (Gráfico 03), revela que a incidência é muito grande de acordo com 83,3% dos professores e direção escolar e 76,3% dos estudantes. Os dados justificam o fato de o bairro ser considerado pela maioria dos entrevistados como violento. Neste aspecto 3,3% dos estudantes e 8,3% dos professores preferiram não opinar. Já, 20% dos estudantes e 8,3% dos professores disseram que não ocorre, no entorno da escola, violência gerada pelo tráfico de drogas.

Gráfico 03
Ocorrência da Violência do Tráfico de Drogas



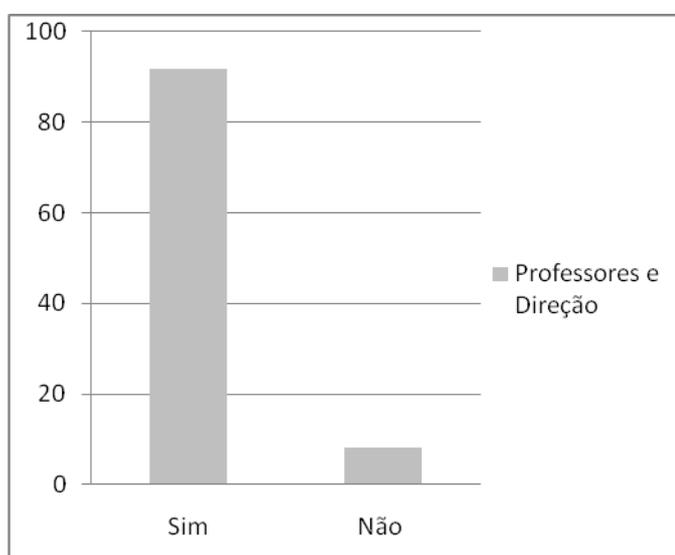
Quando questionado aos professores e direção escolar, sobre a condição de vulnerabilidade diante da violência (Gráfico 04) que os mesmos afirmam ocorrer no entorno da escola, a maioria (91,6%) afirmaram se sentir vulnerável diante da problemática abordada, visto que por circular pelo bairro se sentem expostos a correr riscos quando acontecem os episódios de violência. O fato de se sentir acuado e preso dentro do bairro em que reside por conta do medo, receio e/ ou até mesmo por trabalhar com crianças que possuem pessoas envolvidas com o tráfico aumentam ainda mais a sensação de vulnerabilidade dos professores. Neste mesmo aspecto apenas (8,3%) dos professores omitiram sua opinião.

Gráfico 04
Condição de Vulnerabilidade



A respeito da interferência da violência na vida profissional, ficou constatado que 91,6% dos professores e da direção escolar alegam que a violência do tráfico de drogas de certa forma prejudica o seu trabalho na instituição, pois intervém no exercício da sua atividade em sala de aula, pelo fato dos estudantes inserirem em seu aprendizado a intolerância, sendo necessário trabalhar constantemente valores e não somente os conteúdos. A dificuldade de trabalhar com crianças que vivem diante deste conflito, apresentam-se como um empecilho em saber lidar com a situação, além da necessidade de liberar mais cedo os estudantes por conta dos episódios de violência que ocorrem no bairro e que acaba gerando medo, ansiedade, stress e até mesmo desmotivação para dar continuidade ao trabalho que esta sendo realizado. Dentre os professores entrevistados apenas 8,3% afirmaram que a violência não interfere na vida profissional, mas revelam que se sente preocupado ao trafegar pelo bairro quando está indo para o trabalho ou retornando para casa.

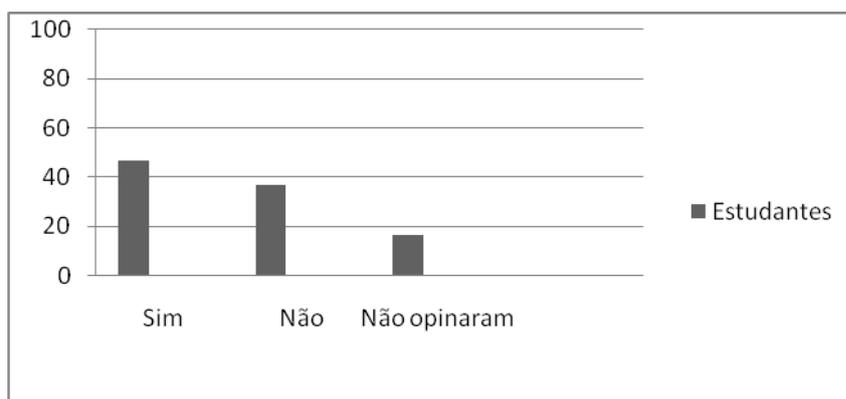
Gráfico 05
Interferência da Violência na Vida Profissional



A violência do tráfico de drogas que ocorre no bairro onde está situada a escola apresenta-se também como um dos indicadores de interferência na vida escolar dos estudantes. O impacto que a violência traz para a vida escolar dos estudantes demonstra o quanto os estudos ficam prejudicados, principalmente para

quem mora em outro bairro e precisa circular pelas “áreas de risco”. O medo, a dificuldade para se concentrar, a preocupação e a sensação de pavor em circular pelo bairro e acabar sendo alvo da violência também se constitui como elementos que justificam 46,6% dos estudantes afirmarem ter sua vida escolar prejudicada. Em contraposição 16,6% dos estudantes preferiram não opinar e 36,6% relatam que a violência não apresenta nenhuma interferência em sua vida escolar, pois a mesma já é considerada como algo normal no dia-a-dia, além de que segundo eles na relação entre comunidade escolar e o tráfico de drogas cada um faz sua parte.

Gráfico 06
Interferência da Violência na Vida Profissional



Pode-se observar nos gráficos abaixo, comparando-se a intervenção da violência do tráfico de drogas no comportamento e no aprendizado dos estudantes, o percentual de relatos sobre a interferência no comportamento é de 91,6% enquanto a influência no aprendizado é de 75%, segundo os professores e a direção escolar. Ambos afirmam ocorrer esta interferência nos dois casos (comportamento e aprendizagem), relatam que os estudantes demonstram apreensivos, demonstram perca de concentração, apresentam muitas vezes atitudes agressivas e evidenciam os reflexos da violência do tráfico em seus gestos, brincadeiras e até mesmo no desenvolvimento de atividades em sala de aula.

De acordo com os entrevistados 16,6% dos professores negam haver interferência da violência no aprendizado, mas afirma que os estudantes demonstram medo e preocupação, neste caso o medo não é percebido pelo

professor como elemento que possa prejudicar o desenvolvimento do estudante, já quanto ao comportamento apenas 8,3% dos professores concorda que não existe uma relação entre comportamento e violência externa a escola. Nesta mesma análise somente 8,3% dos professores preferiram não opinar sobre a relação violência e aprendizado.

Gráfico 07
Interferência da Violência no Comportamento

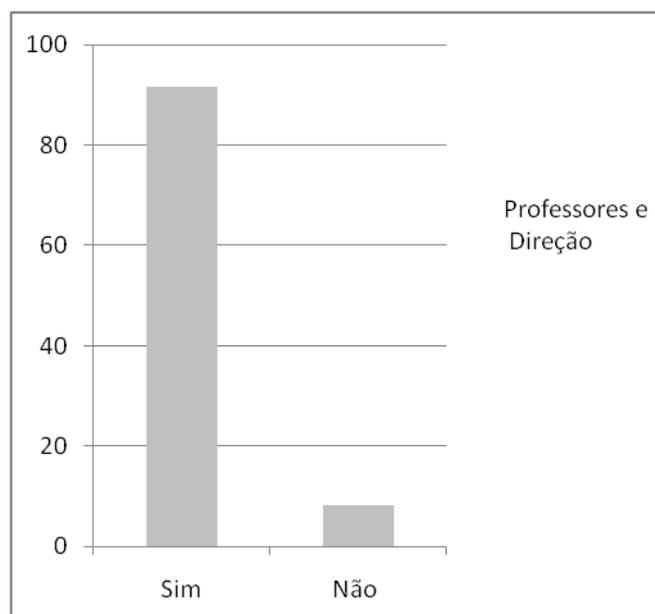
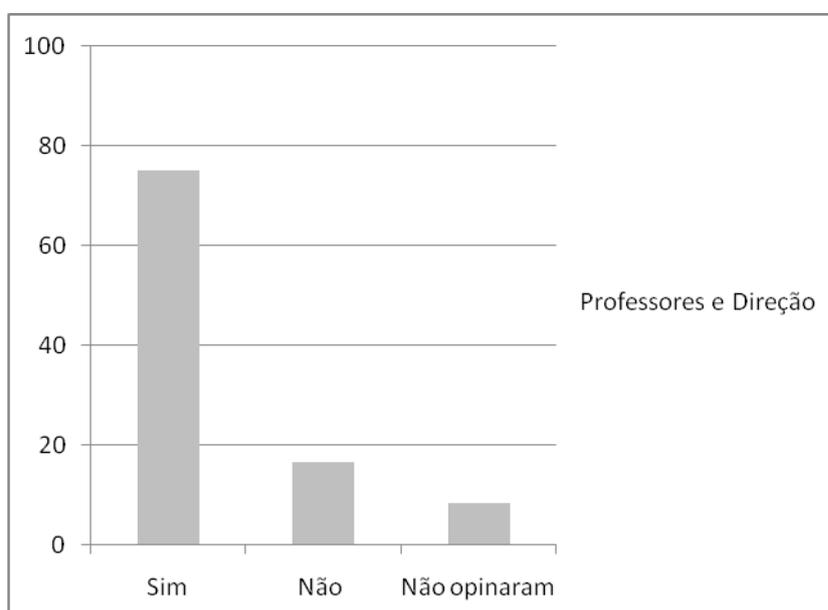
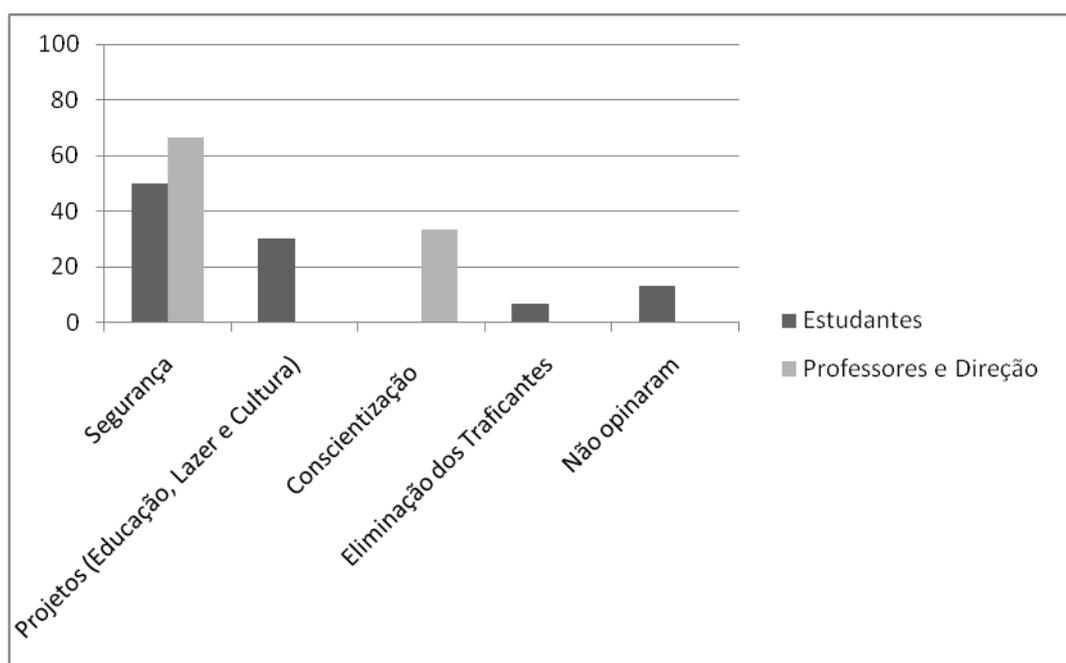


Gráfico 08
Interferência da Violência no Aprendizado



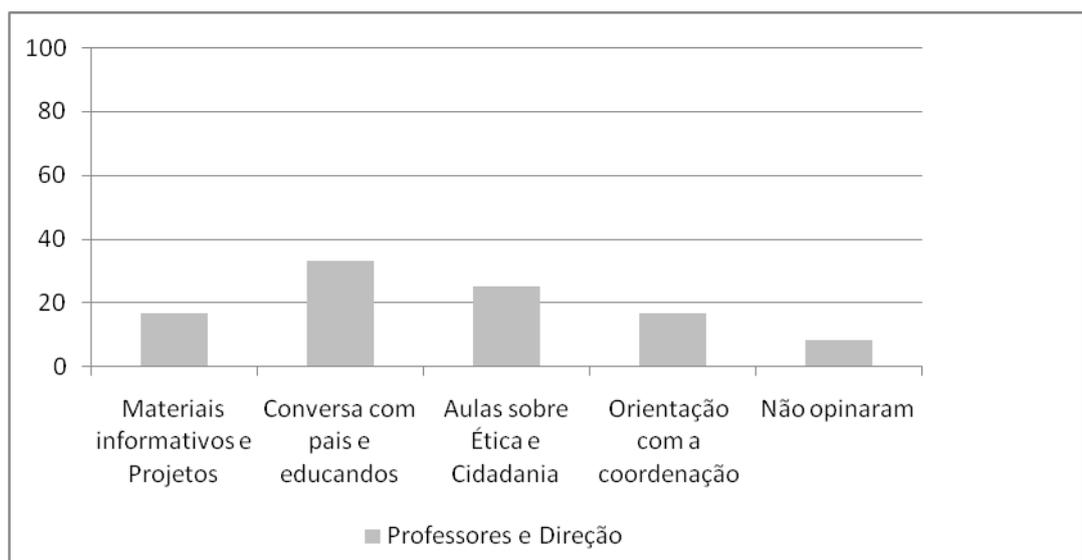
Nas questões relativas à resolução do problema da violência no entorno da escola (Gráfico 09), a pesquisa identificou também a partir das respostas dos entrevistados que as políticas públicas principalmente voltadas para a área de segurança ainda se constitui como um dos mecanismos principais para que haja o combate da violência do tráfico de drogas no entorno da escola, segundo 66,6% dos professores e direção escolar e 50% dos estudantes. As políticas públicas como a inserção de projetos educacionais e de incentivo a cultura também se caracteriza como elemento importante de acordo com 30% dos estudantes, que acreditam na intervenção da violência através da implantação de mecanismos de lazer no bairro, mais escolas e trabalho para os jovens, além de campanhas de combate a violência. Além destas alternativas, a conscientização dos pais e educandos, visando o resgate de valores, é apoiada por 33,3% dos professores e a eliminação dos traficantes por 6,6% dos estudantes, não deixam de ser consideradas como meio de ser resolvida a violência. Diante deste questionamento apenas 13,3% dos estudantes preferiram não opinar.

Gráfico
Resolução do Problema da Violência no Entorno da Escola



A violência do tráfico que ocorre no entorno da escola faz com que a mesma busque atuar de maneira que haja uma redução dos reflexos desta violência. Nesta perspectiva 16,6% dos professores e da direção escolar acreditam na intervenção dos reflexos da violência do tráfico de drogas a partir da utilização de materiais informativos e projetos, 33,3% afirmam que as conversas com os pais e educandos ainda se constitui como uma das principais alternativas para a diminuição dessas representações, além das aulas sobre ética e cidadania apoiadas por 25% dos professores e a orientação com a coordenação pedagógica conforme 16,6% dos professores entrevistados.

Gráfico 10
Atuação da Escola para a Redução dos Reflexos da Violência



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa nada mais natural do que realizarmos uma síntese sobre o estudo a respeito da representação da violência, mais especificamente a violência gerada pelo tráfico de drogas.

A concepção do conceito de violência foi de fundamental importância para o seu entendimento não somente como algo que envolve o aspecto físico, mas que principalmente afeta o psicológico das pessoas. Este entendimento proporcionado pelo conceito de violência simbólica nos permitiu compreender como a violência adentra os espaços escolares sem que seja percebido pela comunidade escolar, interferindo de forma disfarçada no papel socializador que possui a instituição educacional.

O presente estudo possibilitou perceber que o tráfico de drogas que ocorre externa ao muro da escola não pode ser considerado como algo desvinculado da realidade escolar, como o mesmo acontece. É perceptível o quanto a comunidade escolar trata a violência externa como algo que não está relacionado com a vivência cotidiana principalmente dos educandos.

Enquanto fenômeno que se instala dentro da escola, os reflexos da violência do tráfico de drogas – a partir das relações de poder abusivas, das brincadeiras durante as aulas e principalmente no horário do lanche, nas maneiras de se comportar e falar, com graves repercussões quanto ao desenvolvimento social e cognitivo dos que são vítimas desta problemática – ainda são pouco perceptíveis pela comunidade escolar, aceito com descaso, não sendo reconhecido como algo a ser combatido, pois na concepção da comunidade escolar, as mudanças no comportamento e dificuldades no aprendizado apresentados pelos estudantes estão intimamente ligados ao convívio familiar, o que justifica a intenção da escola trazer para perto da instituição os pais dos estudantes.

Vivemos hoje momentos de crise na escola, na família, na comunidade em que habitamos, a violência tem ganhado números exorbitantes deixando de ser considerado apenas um problema da justiça, da segurança pública e dos movimentos sociais, passando a ganhar um olhar pelo âmbito da saúde pública, por se tratar de um problema da sociedade, (MINAYO, 1999), mas não descarta o

proeminente papel da família e da escola na intervenção das representações da violência.

A sociedade, de modo geral, convive com o medo, a angústia e a impotência de serem vitimados pela violência, mas ainda não se questionou seriamente sobre as representações da violência na vida das pessoas, principalmente de pessoas tão jovens como as crianças e adolescentes que vivem em áreas de risco.

As crianças e jovens são os mais atingidos por essas mudanças, principalmente aqueles pertencentes às comunidades periféricas, bairros situados fora do centro da cidade, “esquecidos” pelos órgãos públicos na implantação de políticas públicas, onde a ação do tráfico tende a atuar. A instituição escolar como instrumento que abarca estes sujeitos apresenta-se como alvo principal dos reflexos da violência do tráfico de drogas, refletindo não somente no aspecto físico, mas principalmente psicológico o que dificulta a percepção pela comunidade escolar. Talvez porque a comunidade escolar esteja mantendo uma atitude um tanto permissiva em relação a alguns comportamentos e ações dos estudantes, pelo fato de serem filhos de traficantes ou mesmo envolvidos com pessoas do tráfico de drogas e que “comandam” a comunidade, ou talvez porque, para isso, seja necessário lidar com uma relação delicada e vulnerável.

É imprescindível repensar a relação existente entre a comunidade a qual está inserida a escola, seus sujeitos e a própria escola, para que haja o reconhecimento dos reflexos da violência dentro da instituição, sem que haja o temor e a intimidação nesta relação.

Ainda poderíamos apontar outros aspectos importantes a serem considerados, quando se tem como objetivo o combate e intervenção dos reflexos da violência gerada pelo tráfico de drogas como: a participação efetiva da família na escola, pois em nossa sociedade, a família ainda é o lugar onde as relações afetivas básicas da criança se estabelecerão, de acordo com os valores e normas prevalentes na cultura em que está inserida.

Há uma urgência de implantação de políticas públicas voltadas para educação e lazer no bairro, pois apesar de existirem alguns projetos na comunidade, como capoeira, o projeto Segundo Tempo, entre outros, ainda são

insuficientes comparados com a demanda de crianças e jovens que estão sendo recrutados pelo tráfico e vitimados pela violência.

É necessário que a escola (re) tome como urgência o debate sobre a violência durante as aulas, dentro do contexto em que estão inseridos os estudantes, para que os mesmos percebam as possíveis relações existentes entre a comunidade externa e a escola e em seu sentido contemporâneo de sujeitos autônomos (re) pensem o exercício de uma convivência pacífica entre os seus entes, mas, sobretudo com a comunidade em que vive seja ela intra ou extra-escolar.

É importante também que a escola perceba como medida preventiva dos reflexos da violência do tráfico de drogas a comunicação e a possível colaboração com os projetos existentes no bairro, buscando parcerias com a associação de moradores e órgãos públicos, para que haja um processo tanto de tentativa de redução das representações da violência dentro da escola, como a possibilidade de não contribuirmos de certa forma para a formação de crianças e jovens que poderão ser futuramente aliciados para o mundo do tráfico.

REFERÊNCIAS

_____. **Escolas inseguras**. Jornal de Brasília, 09 jun. 2007.

Disponível em:

http://www.miriamabramovay.com/site/index.php?option=com_content&view=section&layout=blog&id=5&Itemid=2>. Acesso em: 18 abr. 2011.

_____. et al. **Cotidiano das escolas entre violências**, Brasília: Unesco no Brasil, 2005. Disponível em: <

<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001452/145265por.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2011.

_____.; RUA, Maria das Graças. **Violência nas escolas**. Brasília: Unesco, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

ABRAMOVAY, Miriam. AVANCINI, Marta Franco. **A violência e a escola: o caso Brasil**. Brasília, 2000. Disponível em: <

<http://observatorio.ucb.unesco.org.br/artigos/95.pdf> >. Acesso em: 17 abr. 2011.

ADORNO, Sérgio et al. **O Adolescente e as Mudanças na Criminalidade Urbana**. São Paulo em Perspectiva. São Paulo, Fundação Sead. 1999.

ADORNO, Sergio. **Crianças e adolescentes e a violência urbana**. Disponível em: <

http://www.fflch.usp.br/sociologia/docentes/docartigos/Sadorno_crianças.pdf >.

Acesso em: 21 jan. 2011.

ARAÚJO, Marcelo José. **A Violência Simbólica: uma difícil percepção**. Montes Claros, v. 6, n. 2 jul./ dez. 2004, pp. 102-106.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Lingüísticas: O que falar quer dizer**. São Paulo, Ed. Universidade de São Paulo, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BRANDÃO, M. Homicídios na Bahia cresceram 50,7% desde 2006. **A TARDE On Line**, Salvador, 25 jan. 2011. Disponível em: <

<http://www.atardeonline.com.br/cidades/noticia.jsf?id=5678104>>. Acesso em: 19 mai. 2011.

Brasil. Brasília, 2000. Disponível em: <

<http://observatorio.ucb.unesco.org.br/artigos/95.pdf> >. Acesso em: 17 abr. 2011.

CAMPOS, Ricardo Bruno Cunha. **Sociabilidade, medo e estigma no contexto urbano contemporâneo: O bairro do Roger na cidade de João Pessoa- PB**.

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008. Disponível em: <

[http://www.cchla.ufpb.br/caos/n13/\(CAMPOS,%20RicardoBC\)%20-%20Sociabilidade,%20Medo%20e%20Estigma%20no%20contexto%20urbano%20contempor%C3%A2neo%20o%20bairro%20do.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/caos/n13/(CAMPOS,%20RicardoBC)%20-%20Sociabilidade,%20Medo%20e%20Estigma%20no%20contexto%20urbano%20contempor%C3%A2neo%20o%20bairro%20do.pdf)>. Acesso em: 01 mai. 2011.

Chacina em bar no Engenho Velho da Federação deixa quatro mortos. **Jornal da Mídia On Line**, Salvador, 20 jul. 2008. Disponível em:

<http://www.jornaldamidia.com.br/noticias/2008/07/20/Bahia_Nacional/Chacina_em_bar_no_Engenho_Velho_d.shtml>. Acesso em: 19 mai. 2011.

CHIZZOTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

COELHO, Thalita. A juventude inserida no contexto da violência urbana. **Violência urbana e juventude**. 22 jul. 2010. Disponível em: <

<http://www.webartigos.com/articles/33111/1/A-Juventude-Inserida-no-Contexto-da-Violencia-Urbana/pagina1.html>>. Acesso em: 30 dez. 2010.

COSTA, Heloniza Oliveira Gonçalves; KALIL, Maria Eunice Xavier Kalil.

Construindo parcerias para o enfrentamento da violência: a experiência do Fórum de Combate à Violência de Salvador. Bahia Análise e Dados, Salvador-Ba- SEI, v. 11, n. 1, pp. 92-98, junho. 2001.

CRUZ-NETO, O. ; MINAYO, M. C. S. **Extermínio: Violentação e banalização da vida**. Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 10 (Suplemento 1): pp. 209-212, 1994. Disponível em:<

<

http://www.iets.org.br/biblioteca/Um_espaco_em_busca_de_seu_lugar.PDF>

Acesso em: 23 abr. 2011.

DUPRET, Leila. Cultura de paz e ações sócio-educativas: desafios para a escola contemporânea. **Psicologia Escolar e Educacional**. V. 6, n. 1 Campinas. Junho 2002.

FACKIN, Rosemari. **Violência na escola, da escola e no entorno da escola.** Cadernos de Pós- Graduação- educação, São Paulo, v. 5, n. 1, pp.75-82, 2006.

FERREIRA, I. C. B.; NOGALES, A. M.; PENNA, N. A. **Violência Urbana: a vulnerabilidade dos jovens da periferia das cidades.** In: XVI ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 2008, Caxambu- MG. **Anais eletrônicos...**Caxambu: Associação Brasileira de Estudos Populacionais- Abep, 2008. Disponível em:<
http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008_1188.pdf>.
Acesso em: 21 jan. 2011.

FREIRE, Moema. **Justiça e sociabilidade violenta: O impacto dos mecanismos de Administração de conflitos nas relações inter-pessoais.** R. Fac. Dir. VFG, v. 33, n.1, pp. 37-46, jan. / jun. 2009.

FREITAS, F. F.B. de. **“De onde vem o tiro?”: violência, insegurança e imaginário do medo na escola.** Disponível em:<
http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/fabiofreitas/fabio_freitas_de_oude_vem_o_tiro.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2011.

GARUTTI, S.; BEGNOSSI, L. H. **A violência escolar e seus reflexos no corpo docente e discente.** Quaestio, Sorocaba, SP, V. 12, pp. 193-209, Nov. 2010.

GOFFMAN, E. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** trad. Mathias Lambert, Edição digitalizada do original de 1891.

GOMES, Candido Alberto et al. **A violência na ótica dos alunos adolescentes do Distrito Federal.** Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 127, pp. 11-34, jan. / abr, 2006.

GOMES, Celma Borges. **A Banalização da vida, suas conseqüências e seus condicionantes.** R. Ci. Méd. Blol., Salvador, v. 3, n. 1, pp. 89-107, jan. / jun. 2004.

Guia para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos: artigo, dissertação, projeto, trabalho de conclusão de curso e tese. Ed. rev. e mod.- São Leopoldo, UNISINOS, 2009.

ITANI, Alice. **A violência no imaginário dos agentes educativos.** Caderno Cedes, Campinas, v. 19, n. 47, 1998. Disponível em:<
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32621998000400004&script=sci_arttext>.
Acesso em: 30 dez. 2010.

LIMA, Samuel. Baixa da Égua sofre com a luta por pontos de tráfico. **A Tarde On Line**, Salvador, 06 jun. 2008. Cidades. Disponível em: <<http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=1052547>>. Acesso em: 25 mai. 2011.

LOUREIRO, A. M. L. **Violência: paradoxos, perplexidades e reflexos no cotidiano escolar**. Interface Comunicação, Saúde, Educação, V. 3, n. 5, 1999.

MARRAFA, S. M. D.; FERREIRA, S. M. L. **A violência gerando a vulnerabilidade das professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental**. In: VIII Congresso Nacional de Educação- EDUCERE, III Congresso Ibero-Americano sobre violência nas escolas- CIAVE, 2008. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/523_636.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. É Possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da saúde pública. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, pp. 7-23, 1999.

NEURA, Cezar. **Violência simbólica nos rituais legitimadores dos processos escolares- fenômeno bullying no ambiente escolar**. 2008. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/255_754.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2011.

PORTO, R. T.; REIS, S. da S. dos. **Crianças e adolescentes vítimas do tráfico de drogas: onde fica a cidadania?**. In: Simpósio Temático Fazendo Gênero, Corpo, Violência e Poder, 25, 2008, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis, UNISC, 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST11/Porto-Reis_11.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2011.

RUOTTI, Caren. **Violência em meio escolar: fatos e representações na produção da realidade**. Educação e Pesquisa, v. 36, n.1, jan. / abr. 2010, pp. 339-335.

SCHILLING, Flávia. **Um olhar sobre a violência da perspectiva dos Direitos Humanos: A questão da vítima**. Revista IMESC, n. 2, 2000, pp. 59-65.

SILVA, J. S. **O ordenamento territorial urbano-regional**. In: __. **Um espaço em busca de seu lugar: as favelas para além dos estereótipos**. 3ed. Lamparina. pp. 1-20.

SILVA, Joyce Mary Adam de Paula e; SALLES, Leila Maria Ferreira. **A violência no âmbito escolar: considerações sobre a violência da e na escola.** In: GT13 Educação Fundamental, Anped, 2008. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT13-4324--Int.pdf> >. Acesso em: 08 jan. 2011.

SIMÕES, José Luís. **Educação para as elites, escola para os vadios e violência para todos.** Dialogia, São Paulo, v. 5, pp. 93-100, 2006.

SOARES, Antônio Mateus de Carvalho. Violência, crime e jovens empobrecidos. **Sociabilidade e Violência: criminalidade no cotidiano de vida dos moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador- Ba.** UFBA, Salvador, pp. 124-139, 2004.

SOUZA E SILVA, J. **Um espaço em busca de seu lugar:** as favelas para além dos estereótipos. In: Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. 3.ed. 209-230. Disponível em: < http://www.iets.org.br/biblioteca/Um_espaco_em_busca_de_seu_lugar.PDF > Acesso em: 23 abr. 2011.

SPOSITO, Marília Pontes. **A Instituição escolar e a violência.** Cad. De Pesquisa da Fundação Carlos Chagas. São Paulo, n. 1, Jul. 1981.

VASCONCELOS, Maria Drosila. **Pierre Bourdieu: A herança sociológica.** Educ. Soc. V. 23, n. 78, Campinas, 2002, pp. 77-87.

VELASQUEZ, Cinara Dalla Costa; CUNHA, Jorge Luiz da. **Um olhar sobre a violência: Refletindo a escola.** Ed. 5, Travessias, v.2, 2008, ISSN 1982-5935.

VIEIRA, Jeferson Christiano. **As Múltiplas faces da violência escolar.** SEESP/ UNESP, 2008. Disponível em: < http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/903_459.pdf >. Acesso em: 14 jan. 2011.

ZALUAR, A.; LEAL, M. C. **Violência extra e intramuros.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 16, n. 45, pp. 145-164, fev. 2001.